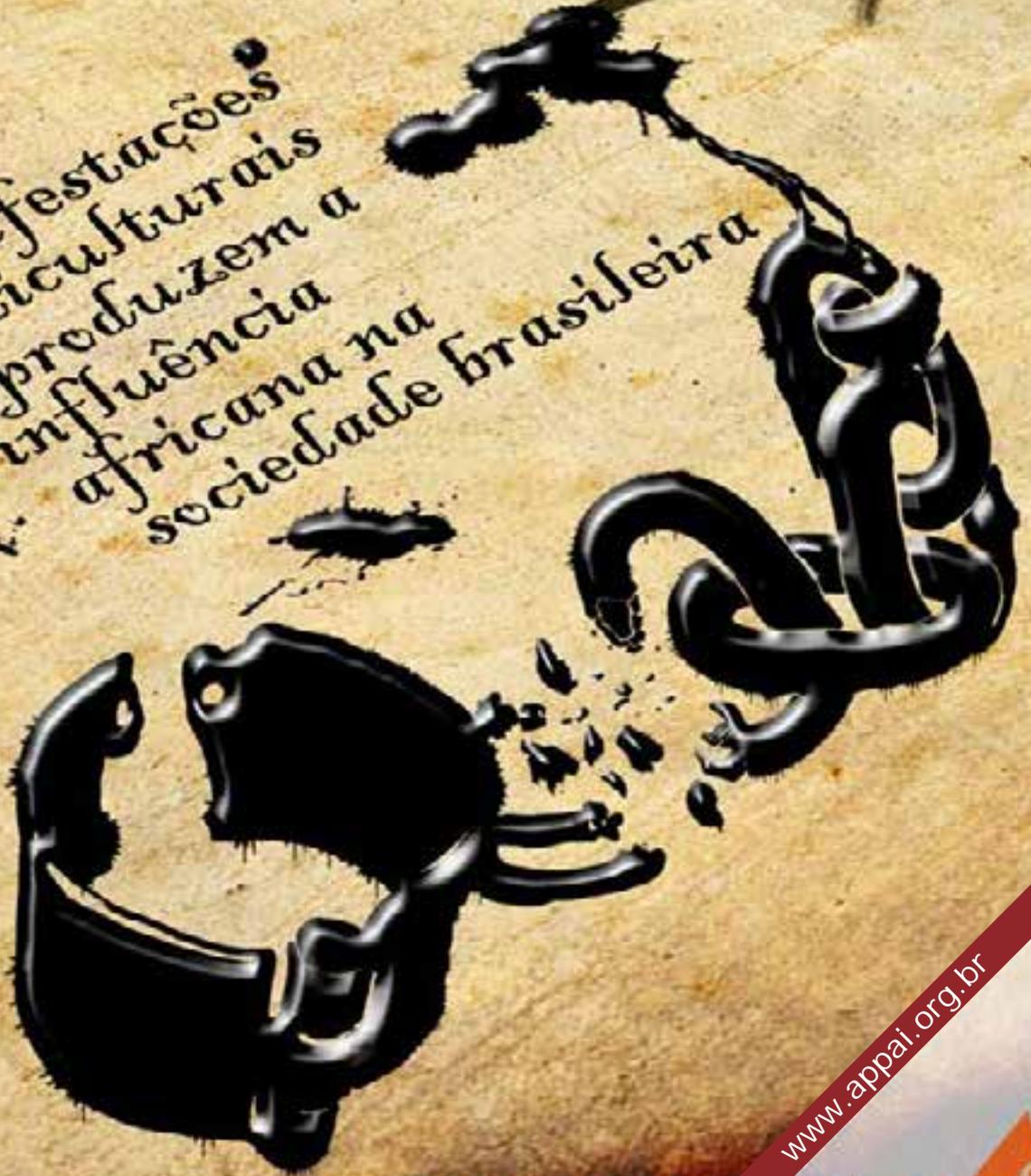


Manifestações  
multiculturais  
reproduzem a  
influência  
africana na  
sociedade brasileira





## Comportamento infantil

Gustavo Teixeira\*

Os problemas comportamentais da infância e adolescência estão recebendo especial atenção de profissionais da saúde mental infantil, educadores e pais nos últimos anos.

Para se ter uma ideia da dimensão do problema, diversos estudos epidemiológicos internacionais identificam que cerca de 20% de crianças e adolescentes em idade escolar necessitam de algum auxílio na área da saúde mental. São milhares de estudantes brasileiros com prejuízos acadêmicos e que precisam desenvolver estratégias para lidar com dificuldades emocionais, aprendendo habilidades sociais e comportamentais para uma vida mais feliz e equilibrada.

Durante os séculos pudemos observar o quanto a ignorância é prejudicial à nossa sociedade. Milhares de mortes inocentes durante guerras, conflitos étnicos, religiosos destroçaram nosso planeta. A ganância, vaidade e desejo pelo poder esmagaram e dizimaram diversas civilizações, culturas e comunidades ao longo do tempo.

Na política a manutenção de uma população alijada e sem acesso à educação e à informação tornou-se, há centenas de anos, uma maneira fácil e barata de manter uma grande massa de manipulação eleitoral.

Serão justos o preconceito, a ignorância e o medo de uma sociedade ao excluir do tratamento médico correto uma criança? Pois esse foi o principal motivo que me estimulou a escrever o livro *Manual dos transtornos escolares*.

Um dos objetivos dessa obra é oferecer material psicoeducativo de qualidade, ricamente embasado em evidências científicas e utilizando uma linguagem simples e fácil para auxiliar pais, educadores e profissionais da saúde mental da infância e adolescência. A transmissão de informação psicoeducacional pode proporcionar a diminuição de preconceitos e permitir que crianças e jovens se beneficiem de um tratamento médico correto.

A luz da ciência não pode sucumbir à escuridão e mazelas da ignorância, que é a pior doença que pode existir. Ela emperra o desenvolvimento econômico, sociocultural e tecnológico de uma sociedade. Rios de dinheiro são gastos com tratamentos tardios, quando a prevenção e intervenção precoce em saúde mental infantil poderiam ajudar a diminuir o sofrimento e os prejuízos acadêmicos e sociais de milhares de crianças e adolescentes.

A correta intervenção nos diversos transtornos comportamentais que descrevo no livro dependerá de uma série de fatores, mas vale ressaltar que primordial será a importância da união entre pais, educadores e profissionais da saúde mental infantil, como médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicomotricistas, terapeutas ocupacionais, entre outros.

Amigo leitor, vamos nos unir na luta por saúde mental nas escolas brasileiras!

\* **Gustavo Teixeira** é médico psiquiatra infantil e Mestre em Educação.



## Matemática: uma ciência viva

Katia Regina Ashton Nunes\*

A Matemática tem muita importância no dia a dia das pessoas. Ela é uma ciência viva, uma ferramenta que desenvolve outras ciências. Ela comporta um amplo espectro de relações e regularidades, que despertam a curiosidade e, ao mesmo tempo, aumentam a capacidade de generalizar, projetar, prever e abstrair, condições essenciais para o exercício de qualquer atividade

profissional. Atualmente, com os avanços nos progressos científicos e tecnológicos, e a criação de novas áreas de conhecimento, a importância da Matemática se tornou ainda mais evidente.

Dado a relevância dessa disciplina e de seu ensino, muitos são os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos com o objetivo de superar as dificuldades que os alunos apresentam. Em todas elas há um denominador comum: o papel do professor, que assume uma importância ainda maior no cenário educacional, pois passa a ser o mediador



**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685/JP)

**Colaboração**  
Claudia Sanches, Sandra Martins,  
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

**Fotografia**  
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira  
Neudon de Albuquerque Cerqueira Neto

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 67.000 (sessenta e sete mil)

**Impressão e distribuição**  
Gráfica Edlouro – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** jornaleducar@appai.org.br  
redacao@appai.org.br

**Endereço Eletrônico:**

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

\* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

entre o conhecimento e o estudante. É ele que promove as situações significativas, investigativas e contextualizadas que ajudam a despertar neles a curiosidade, o interesse e o prazer pelo conhecimento.

As pesquisas apontam ainda que as salas de aula de Matemática devem se transformar em locais de busca, de integração com diferentes áreas, de construção de conhecimentos. Elas devem ser um ambiente que encoraje cada vez mais os alunos a propor soluções, explorar possibilidades, levantar hipóteses, justificar seus raciocínios e validar suas próprias conclusões.

Esse espaço deve ser habitado por vários elementos, que vão muito além do giz e do livro didático. Por exemplo,

incorporar diferentes recursos tecnológicos ao cotidiano da escola não pode mais ser considerado como algo para o futuro. Eles precisam ser imediatamente inseridos, de forma efetiva, nos diversos espaços escolares e, em especial, nas salas de aula de Matemática.

Além dessas, outras propostas metodológicas devem ser empregadas com vistas à melhoria do ensino. Entre elas, merecem destaque a resolução de problemas, a abordagem histórica dos conceitos e o uso de jogos e materiais manipuláveis.

---

\* **Katia Regina Ashton Nunes** é Mestra em Educação Matemática.

Veja também a

# Versão On-line

[appai.org.br](http://appai.org.br)



# Alan

**T**inha 12 anos o menino Alan, assassinado há poucas semanas no Rio. Seu corpo, achado na Vista Chinesa, tinha marcas de tortura. Não se sabe quem o matou. Especula-se que tenham sido seguranças particulares da área do Jardim Botânico/Jockey. E o que isso tem a ver conosco? Pela reação da sociedade, muito pouco. Não vi indignação, campanhas, protestos. Mas a cobertura burocrática da imprensa – tratando o caso como algo corriqueiro – deu lugar a uma bela reportagem de página inteira no jornal O Globo.

A repórter Vera Araújo se importou com a história e foi atrás da mãe do menino. Contou o caso dele e de sua família, colocando-o num contexto para, enfim, tornar Alan mais visível, apesar de morto. E o que a Vera nos revelou merece uma profunda análise.

A começar pelas autoridades. Chama a atenção o fato de nem prefeito, nem secretária de Educação terem comentado a morte do menino. Para quem tem como lema “Nenhuma criança deixada para trás”, ignorar Alan é no mínimo uma contradição. E uma

irresponsabilidade, porque a situação dele não é exceção.

Alan era morador da Rocinha, filho de mãe solteira, com sete irmãos e, apesar da situação de risco, não estava matriculado numa escola de tempo integral. Até porque isso não existe na Rocinha.

Alan não era um bom aluno. Embora na 5ª série, não sabia ler nem escrever. Saía de casa diariamente com o uniforme da rede pública, mas sua mãe admite que sabia que ele não ia para a escola.

Apesar de o Município do Rio pagar R\$ 50 milhões por ano para a federação dos proprietários de ônibus transportar seus alunos e controlar a presença nas escolas, Alan faltava às aulas e ficava perambulando pelas ruas.

E não vamos colocar a responsabilidade pelo fracasso da vida escolar de Alan na diretora ou no professor da vez, ou mesmo na sua jovem mãe. O fato é que não podemos insistir na ideia de que pobre aprende igual a rico, é só ter um bom professor, como repete a secretária municipal de Educação. Certamente não havia em sua casa um

cantinho onde o menino pudesse fazer o dever de casa.

Alan é mais um exemplo de que a escola precisa, além de diretores e professores dedicados, de uma equipe multidisciplinar, de saúde, de psicólogos, de segurança (transporte escolar próprio) e de tempo efetivamente integral.

O Rio perdeu Alan, e sua família continuará morando num barraco na Macega, uma das áreas mais pobres – e de risco – da Rocinha, de onde tiveram que fugir às pressas num dos últimos temporais.

**Andrea Gouvêa Vieira**

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro

## Assistência Funeral 24h

Tenha esse número sempre à mão:

**0800 023 4600**

Não se preocupe com os procedimentos funerários. Apenas ligue para **0800 023 4600** e a assistência burocrática será imediata na execução funerária sem qualquer custo para o associado colaborador.





# Museu de Arte do Rio

Instalado no centro histórico da cidade, o Museu de Arte do Rio – MAR – tem como objetivo promover, através da arte, uma leitura ampla sobre a cidade e ser um espaço de apoio à Educação. O MAR é formado por dois prédios de perfis heterogêneos e interligados: o Palacete Dom João VI e um antigo terminal rodoviário. O primeiro abriga as salas de exposição do museu e no segundo funciona a Escola do Olhar, ambos inaugurados no início de 2013.

## Escola do Olhar: um espaço de integração entre Arte e Educação

A Escola do Olhar é um espaço destinado à Educação e desenvolve programas de formação continuada em artes e cultura visual com professores e educadores. Atuando em todo o arco da Educação, a Escola tem a cidade como eixo transversal de suas ações. No MAR, os programas se organizam em visitas mediadas às exposições, além do desenvolvimento de publicações educativas; formação de grupos de pesquisa em arte-educação, cultura e curadoria; seminários acadêmicos; conferências; cursos; residências educativas e atividades práticas. A Escola do Olhar oferece programa de formação continuada para professores da rede pública de ensino, cursos, *workshops*, oficinas e seminários sobre arte e cultura visual.

## Visitas Educativas

As visitas educativas têm como objetivo criar, com os participantes, um espaço de amplificação da experiência do Museu de Arte do Rio. Através de diálogos e proposições

práticas que envolvem público e educadores, se propõe intensificar, na visita, as vivências sensíveis e reflexivas da arte, da cultura e da cidade.

## Formação com Professores

São desenvolvidos cursos de curta e média duração que integrem o campo de conhecimento do professor num processo de fazer, pensar e apreciar arte. Os cursos pretendem inter-relacionar o cotidiano escolar às exposições e programas do MAR e colaborar no desenvolvimento de atividades que possam acontecer antes, durante e depois das visitas educativas. A linha de atuação consiste na elaboração, com o professor, de metodologias, material educativo, pesquisas sobre arte e cultura visual.

## Museu de Arte do Rio

Praça Mauá | Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20090-060

Tel.: (21) 2203-1235

Funcionamento: de terça a domingo, de 10 às 17h.

A bilheteria encerra suas atividades às 16h30.

**O MAR é gratuito para:** alunos da rede pública de ensinos Médio e Fundamental; crianças com até 5 anos de idade; pessoas com mais de 60 anos; professores de escola pública; membros do Icom e profissionais de museus; além de grupos em situação de vulnerabilidade social em visita educativa.

**Ingressos:** R\$ 8,00 | R\$ 4,00 (meia-entrada)  
Gratuito às terças-feiras para o público em geral.



Foto: Humberto Teski



## **Desafios na formação do educador – Retomando o ato de educar**

Ruy Cezar do Espírito Santo

Editora Ágora – Tel.: (11) 3872-3322

Neste livro, o autor explica que a questão da disciplina e dos limites não pode ser encarada pelo viés da punição. Segundo ele, o mau comportamento quase sempre esconde um pedido de ajuda por parte do aluno.

## **Tudo vira outra história**

Salizete Freire

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Jeito poético para falar da renovação constante na natureza, é construído através do advérbio “cadê”. Usando vários recursos das figuras de linguagem, Salizete constrói a narrativa partindo da origem para o produto: a semente que se transformou em árvore; a lagarta que antecedeu a borboleta.



## **A criança de 5 a 10 anos – Um livro para pais e educadores**

Abraão H. Brafman

Editora Zahar – Tel.: (21) 2108-0808

Quando uma criança passa dos cinco anos, sua atenção deixa de se concentrar apenas na família. As pessoas, lugares e acontecimentos do mundo exterior despertam a sua curiosidade e interesse. A mudança traz alegrias para os pequenos, mas também uma série de dúvidas, desconfianças e hesitações.

## **Chegar à infância**

Bernardina Maria

Editora Eduff – Tel.: (21) 2629-5287

Nesta obra a autora busca um pensar sensível sobre a infância a partir de Guimarães Rosa e de Gilles Deleuze. Bernardina pontua a relevância e as complexidades da infância. O leitor que seguir atentamente o itinerário do livro compreenderá como a autora relaciona educação e literatura a esse período da vida.



## **Um segredo no mar**

Yara Baptista

Editora Livre Expressão – Tel.: (21) 3553-2347

Nesta história o leitor conhecerá um mundo submerso, onde um dos personagens vivencia uma aventura incrível no fundo do mar. O leitor, juntamente com Ramon, mergulhará em águas profundas e conhecerá uma nova forma de vida.

## **A sala de aula e outros contos**

Marília Lovatel

Editora Scipione – Tel.: (11) 4003-3061

A educadora surpreende, emociona e faz pensar com o estilo delicado de seus contos. Neles, as relações humanas são o fio condutor para se discutir temas de extrema importância, como ética, desigualdade social e preservação da natureza.



## **Coleção Para gostar de ler – Histórias sobre ética**

Coordenação geral e seleção de textos: Marisa Lajolo

Editora Ática – Tel.: 0800-115152

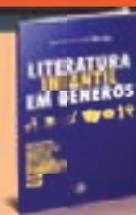
Nesta coletânea, escritores retratam situações em que, na defesa de interesses pessoais, nem sempre o direito do outro é levado em conta. Você vai testemunhar momentos da vida em que a opção entre o certo e o errado se faz necessária. Uma boa oportunidade de leitura e reflexão sobre a conduta de cada um de nós.

## **Literatura infantil em gêneros**

Org. José Nicolau Gregorin Filho

Editora Mundo Mirim – Tel.: (11) 3660-7955

“Ler quadrinhos é bom?”; “Por que contar mitos e lendas?”; “Quem são as fadas?”; “Quais as vantagens de se trabalhar com teatro na escola?”. Esses e outros questionamentos foram respondidos nesta obra que reuniu especialistas de diferentes gêneros literários para contribuir de maneira eficaz na formação de leitores.





# Literatura e África

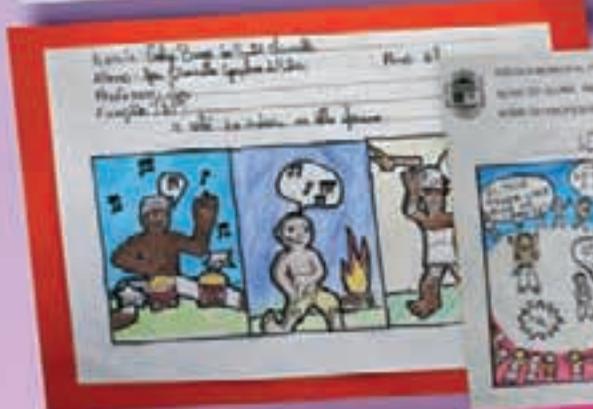
Uma história contada em quadrinhos

Claudia Sanches

Um auditório todo decorado com desenhos em quadrinhos e tirinhas produzidos pelas crianças da rede municipal de Nova Iguaçu. O cenário faz parte da culminância da 4ª edição do projeto *Literatura e Africanidades*, que aconteceu nas instalações da Universidade Geraldo Di Biase. O Programa é iniciativa da equipe de Incentivo à Leitura em parceria com a Assessoria de Formação continuada, que realizou um concurso para selecionar as melhores produções.

Cada ano o projeto desenvolve uma linguagem ou tema diferente. Nessa edição os professores apostaram nos gibis. Segundo as coordenadoras do programa, Vanessa Gnisci e Jussara Alexandre, o objetivo era fazer uma homenagem aos dez anos da Lei nº

10.639, que



garante o ensino das tradições afro-brasileiras nas escolas. A equipe pensou em algo que trabalhasse com a temática étnico-racial sem deixar de focar a área de atuação, a Literatura: “Aproveitamos para divulgar essa lei de 2003, que completa uma década em 2013, para que não seja apenas uma data, mas que essa temática possa estar sendo discutida na educação”, diz Jussara.

## Um novo olhar para uma nova realidade

Vanessa ressalta que, apesar dos avanços sociais das últimas décadas, os livros didáticos ainda retratam o negro em uma visão paralisada da escravidão, como um chicoteado e escravo: “As tradições africanas estão em nós, no nosso dia a dia, na música, alimentação, dança, mas muitas vezes não conseguimos reconhecer. Precisamos resgatar e exaltar isso. Conscientizar as pessoas quanto ao negro rei, que sempre foi ativo na construção da nossa sociedade, mas se escondia porque não reconhecia esse valor. O trabalho é nessa direção”. Vanessa lembra que na literatura infantojuvenil o negro já aparece como protagonista em algumas obras. Mas se o professor não valorizar esses livros, eles vão se perder, escondidos na biblioteca: “Temos que tirá-los do armário, por isso damos assessoria aos educadores”, alerta.

## Apesar do pouco estudo nessa área...

No segundo semestre os professores iniciaram o projeto através de formações continuadas em encontros mensais, promovendo troca de textos, informações e sugestões via *e-mail*, *Orkut*, *Facebook*, além de projetos que culminaram no encontro de encerramento com apresentações de escolas e premiação de concurso.

Durante muito tempo os livros didáticos ressaltaram apenas o negro escravo. Jussara conta que ainda há pouco estudo nessa área e, por isso, para explorar quadrinhos, as fontes de pesquisas são livros de histórias que mostram outras leituras do negro em outras posições e situações, como lendas, músicas, manifestações artísticas. Tudo isso é fundamental para suscitar discussões a respeito dos relacionamentos, valorização e respeito no cotidiano destes alunos nas nossas escolas.

“Não tínhamos muito embasamento para trabalhar o gênero, pois trata-se de um material muito restrito. Temos poucas pesquisas nessa área. Portanto começamos com a seleção de gibis comuns para fazer essa abordagem. Falou-se muito da tradição oral da África, abolição, lendas, e contamos com o auxílio de alguns palestrantes, como João Carlos Araújo, assessor da Fundação Cultural Palmares, e de oficinas práticas de ar-

tes. Os professores estão sendo capacitados para falar sobre a cultura negra e combater o preconceito”, afirma Jussara.

Para driblar essa falta de material bibliográfico as professoras apresentaram as histórias em quadrinhos de fácil acesso e trabalharam com temas que fazem parte da temática étnico-racial através de vídeos que tratam do assunto, personalidades negras e um pouco das histórias dos povos africanos no Brasil. Assim, essas crianças “pioneiras” puderam desenvolver seus quadrinhos e criar suas tirinhas abordando lendas e histórias orais, a partir de livros infantis, provérbios e situações do cotidiano.

## Resgates da história

A professora Marise Conceição, da E. M. Professor Iramar da Costa Lima Miguel, recordou o trabalho de anos anteriores, como o “Literatura e África em meio do bairro”, onde uma moradora conta histórias de sua mãe, que tinha sido escrava em uma fazenda em Nova Iguaçu. “O trabalho, um texto recontado por uma criança, foi premiado”, lembra Marise, que no dia do concurso levou um pouquinho de suas experiências com o projeto *Coração Brasileiro*, que desenvolve na sua unidade. Na edição anterior, a escola resgatou a história da primeira escritora negra a escrever sobre a favela, Carolina Maria de Jesus. Marise observou as mudanças no contexto social: “Nós que estamos fazendo esse trabalho no dia a dia, percebemos as mudanças de comportamento”, conclui a docente.

Siléa Gonçalves, da Escola Municipal Márcio Caulino Soares, em Austin, trouxe a leitura em quadrinhos de Mayla Andrade, que falou sobre a capoeira: “Produzir tirinhas com essa dança representa a cultura afro-brasileira, que tem a tradição africana da roda, do acolhimento”, explica a menina.

As produções foram previamente selecionadas nas próprias escolas, e todos os alunos que participaram foram premiados e receberam medalhas. Na categoria Infantil o primeiro lugar ficou com a E. M. Professora Irene da Silva Oliveira, do aluno Lucas Florentino, com o trabalho intitulado “Viva a cultura negra na formação da cultura nacional”. Em 2º lugar ficou a E. M. Orestes Bernardo Cabral, com “Lila e o segredo do Kuduro”, do estudante Jhonny Andrade. Em 3º a E. M. Alice Couto, com “O surgimento da capoeira como luta e dança no país”.

Entre o 6º e o 9º anos, categoria juvenil, o 1º lugar foi para a E. M. Menino de Deus, cuja aluna Maria Luiza falou sobre linguagem e expressões pejorativas. O 2º ficou com a E. M. Iramar da Costa Miguel, que focalizou a questão do preconceito, e o 3º para a E. M. Márcio Caulino, de Mayla, que abordou o movimento de roda da capoeira.

Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu  
Equipe de Incentivo à Leitura  
Fotos: Marcelo Ávila



A II Flinn veio com a proposta de divulgar a cultura nordestina, sua música, poesia e histórias

# Cantando e contando o Nordeste brasileiro

Projeto revela cultura e desmistifica preconceitos

Claudia Sanches



A equipe pedagógica da Escola Municipal Dr. Nelcy Noronha, que atende ao Ensino Fundamental II, acredita na literatura como o caminho para levar o adolescente a desenvolver a imaginação e emoções de forma prazerosa e significativa. Com objetivo de fazer uma homenagem ao Nordeste, os educadores aproveitaram o centenário de Luiz Gonzaga para realizar a *II Flinn – a Feira Literária*, com o tema “A Flinn canta e conta o Nordeste brasileiro”.

A proposta era divulgar a cultura dessa região além dos estereótipos e homenagear nomes como Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, Jorge Amado, incluindo as lendas e histórias desse povo. A atividade aconteceu no decorrer do 3º bimestre e, na semana do evento, os estudantes assistiram a filmes relacionados à cultura nordestina como “Lisbela e o prisioneiro”, “Lampião e Maria Bonita” e “O auto da compadecida”. Os jovens pesquisaram na Internet, estudaram a geografia da região, trabalharam com diversas linguagens e gêneros literários, confeccionaram artesanato com argila, entre outras atividades. O logotipo da feira foi escolhido em concurso realizado na escola. Mauro, do 6º

ano, foi o vencedor e levou o maior prêmio: seu desenho estampado na camisa do evento.

A professora Márcia Lucindo, da Sala de Leitura, escreveu a peça *Books Stories*, com alunos do 7º ano, enfocando a importância da contação de histórias. No enredo, os livros ganham vida, os personagens conversam e, no final, cada autor dança com seu livro. Com o 9º ano os professores criaram números em homenagem a Luiz Gonzaga, apresentados durante a culminância. Para completar, outra equipe apresentou uma entrevista com o artista em vídeos. A surpresa, segundo Carla Maria Oliveira, de Ciências, é que muitos jovens conheceram a música e a biografia do Rei do Baião durante o trabalho. Mônica Gomes, de Língua Portuguesa, apresentou o coral Asa Branca, com turmas do 1º ano, e mostrou que o cantor, por onde passava, levava alegria com sua música. O professor Rafael foi convidado e tocou acordeom para as turmas, que ficaram emocionadas.

## Muitas histórias

O “Xote das meninas”, um dos maiores sucessos de Luiz Gonzaga, foi trabalhado pelas professoras de Língua Portu-



guesa Márcia Guedes e de História, Fernanda Palomari, ambas do 8º ano. A partir dos primeiros versos, falou-se sobre o mandacaru, um cacto que independe da chuva para florescer, fazendo uma comparação entre a flor dessa planta e a menina que enjoa da boneca e torna-se mulher.

Josemar Barbosa, que leciona Geografia, contou a história do Boi-bumbá através de uma peça com a turma do 6º ano. Segundo a lenda, a mulher do empregado tem desejo de comer língua de boi do patrão. O empregado então mata o animal e leva a língua para a esposa. Ao descobrir a verdade, o patrão se indigna, exige que ele ressuscite o boi e convida algumas autoridades religiosas.

Carla Maria levantou questionamentos sobre a vida de Luiz Gonzaga com alunos do 9º ano. Os estudantes pesquisaram sobre a fascinação do mestre por Lampião e acabaram conhecendo a história do "Cangaço Brasileiro". Caracterizados, os alunos denunciaram a miséria na caatinga e o poder de fogo dos cangaceiros ao som de "Asa Branca", "Mulher Rendeira" e "Eu só quero um Xodó". "Foi gratificante ver os jovens descobrindo como o artista venerava o sertão e a figura do Lampião, vendo que se vestia de cangaceiro para homenagear o movimento", conta.

O Tropicalismo foi lembrado pelos alunos do 9º ano, orientados pela docente Rita Simone, que levou os estudantes a compreenderem o tema e a influência que exerceu na cultura *pop* brasileira e até internacional. Ela conta que os jovens, que se apresentaram cantando a canção "Alegria, Alegria", assimilaram a importância do movimento no contexto político como combate à ditadura militar.

Outro homenageado foi Jorge Amado através da dramatização de suas obras como "Gabriela", "Pedro Bala", "Dona Flor e seus dois maridos", "Tieta", entre outras. Os estudantes criaram um diálogo entre Luiz Gonzaga e o escritor baiano em "Viajando nas asas da Literatura", um dia em que os dois dançaram um forró. Alunos do 7º ano exploraram "Estereótipos e a Paraíba", um miniteatro que

levou as turmas a refletirem sobre preconceito e

discriminação, revelando que existem termos de "humor" que são manifestações de racismo e intolerância.

Para completar a festa, o colégio contou com a presença do poeta José Maria, que conversou com as turmas. Não faltaram no trabalho artistas populares renomados como Romero Brito, Chico Anísio e Renato Aragão. Carla Maria lembra que alguns nordestinos que fazem parte do corpo docente, como Fátima de Oliveira, foram homenageados como todos os "famosos", afinal são artistas do cotidiano, que transformam o Nordeste sofrido das grandes secas e retirantes na poesia compromissada do homem com a terra.

Segundo a coordenadora pedagógica Claudia Mayrink, a experiência foi muito importante para os dias atuais, em que se fala em inclusão e combate ao preconceito. Uma das propostas do projeto, segundo ela, foi minimizar os estereótipos que temos em relação ao povo nordestino, a visão de uma terra seca, onde só há miséria e retirantes: "Uma pessoa que nasce em qualquer lugar do Nordeste é chamada de 'paraíba', como se a região fosse homogênea. Há outras coisas lá além da seca, como turismo, o litoral, vários climas, cultura. Muitas empresas estão se instalando nessa parte do Brasil e já há um movimento migratório no sentido contrário. São peculiaridades que os nordestinos não conheciam", conclui.

Escola Dr. Nelcy Noronha  
Rua Coxila Rica LT 03 – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 23047-800  
Tel.: (21) 2413-3035  
E-mail: emnoronha@rioeduca.net  
Direção: Claudia Maria Nunes Machado  
Fotos cedidas pela escola



Luiz Gonzaga foi o destaque junto com as obras de Jorge Amado, da Tropicália, de Zé Ramalho, entre outros artistas que desmistificam e revelam a diversidade da região Nordeste, que também apresenta muitas riquezas



Henrique Gravino, graduando de Física e bolsista do Pibid/Cefet-Nova Friburgo, gostou da experiência dialógica com alunos do Ensino Médio

# Teoria da Relatividade no Ensino Médio

Desafios relativos ao novo currículo mínimo estadual de Física

Sandra Martins

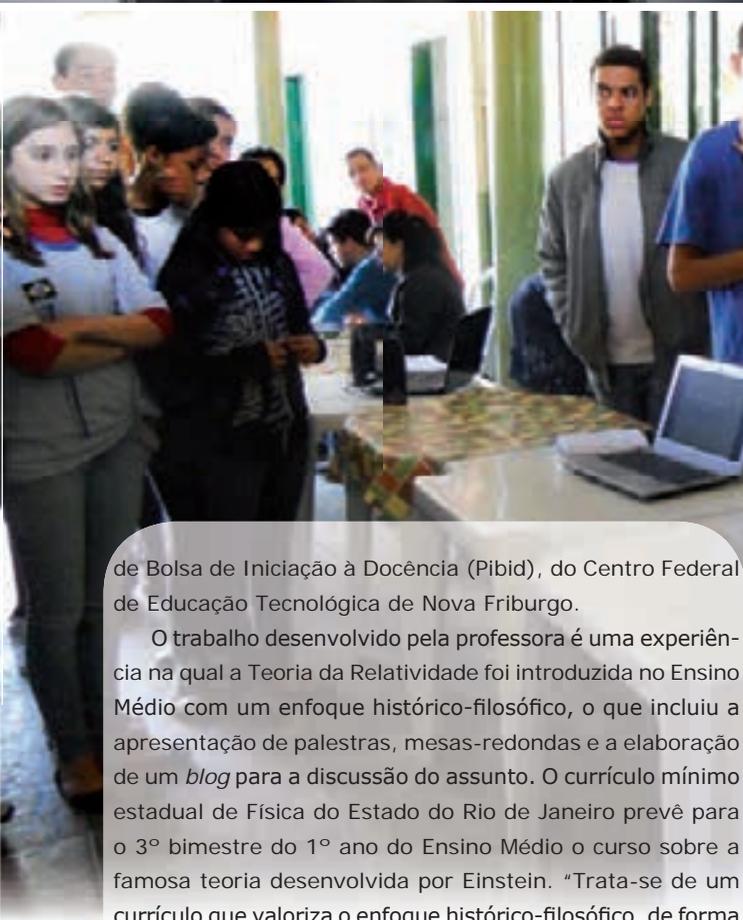
Tempo e espaço são relativos e estão profundamente entrelaçados. Sem cair no reducionismo, este é o cerne da Teoria da Relatividade cujo entendimento é bastante complexo, em especial para estudantes do Ensino Médio, quando o conteúdo programático dá início à introdução da Física Moderna e Contemporânea. Vale lembrar que este conteúdo só passou a fazer parte do currículo mínimo estadual da disciplina, a partir de 2011. Agora, imagine em 1905 quando de sua formulação pelo genial físico alemão Albert Einstein! A abordagem deste tema no novo currículo mínimo estadual é um desafio abraçado por Adriana Oliveira Bernardes, professora no Colégio Estadual Dr. Tuffy El-Jaick, no município de Nova Friburgo, e coordenadora do projeto

que discute os desafios de se trabalhar com temas como esta teoria da Física.

De acordo com ela, a introdução da Física Moderna e Contemporânea no Ensino Médio pode motivar o aprendizado do aluno, devido a sua contextualização com o mundo cotidiano, e também aproximar a ciência da sociedade em que vivemos, já que nos beneficiamos do uso de aparelhos como GPS, TV de plasma, entre outros aparelhos tecnológicos, presentes em nosso dia a dia. “A explicação para o funcionamento desses equipamentos faz parte do que chamamos hoje de Física Moderna”, disse a professora, que contou com a interação entre alunos, incluídos os de graduação na disciplina, e bolsistas do Programa Institucional



Iury Henderson, aluno do Ensino Médio de iniciação à pesquisa do C.E. Dr. Túffy El-Jaick, conta alguns dados sobre a vida e a obra de Albert Einstein



de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), do Centro Federal de Educação Tecnológica de Nova Friburgo.

O trabalho desenvolvido pela professora é uma experiência na qual a Teoria da Relatividade foi introduzida no Ensino Médio com um enfoque histórico-filosófico, o que incluiu a apresentação de palestras, mesas-redondas e a elaboração de um *blog* para a discussão do assunto. O currículo mínimo estadual de Física do Estado do Rio de Janeiro prevê para o 3º bimestre do 1º ano do Ensino Médio o curso sobre a famosa teoria desenvolvida por Einstein. “Trata-se de um currículo que valoriza o enfoque histórico-filosófico, de forma que elaboramos um projeto para discussão da Relatividade desde as primeiras ideias que surgiram com Henri Poincaré até a questão polêmica gerada por experimentos realizados no LHC (grande acelerador de partículas) a respeito das velocidades atingidas pelos neutrinos”, enfatizou Adriana Bernardes.

O projeto foi iniciado com uma pesquisa sobre o tema em jornais, revistas e internet. Enquanto o curso era ministrado pelo professor da disciplina, foram realizadas algumas palestras sobre o tema para desmistificar o grau de dificuldade e tornar a discussão mais acessível à comunidade escolar. Como avaliação desta primeira etapa do trabalho, foi feita

uma sondagem dos conhecimentos auferidos pelos alunos. Para Adriana, esta foi uma forma de contribuir para uma Física mais inclusiva na escola, o que normalmente não ocorre.

A fase seguinte se deu com a interação dos estudantes através do *blog* <http://relatividadecetej.blogspot.com.br>, onde eles postavam suas dúvidas para serem respondidas posteriormente. Paralelamente foram elaborados e publicados textos de divulgação da teoria, resguardando o enfoque histórico-filosófico.

A culminância do projeto ocorreu com uma mesa-redonda na qual foram discutidos os seguintes temas: “A vida de Albert Einstein”, “As ideias de Poincaré sobre a relatividade”, “A Teoria da Relatividade de Albert Einstein” e “O LHC e a questão dos neutrinos”.

Para Jehny Caldas e Iury Henderson, alunos de iniciação à pesquisa do Ensino Médio da escola, a experiência foi muito boa, pois possibilitou a abertura de novos caminhos e conhecimentos. A curiosidade deles foi aguçada ao levantarem dados sobre a vida de Einstein. Eles ficaram impressionados com o interesse que ele demonstrou desde tenra idade. Como se trata de algo muito complexo, os estudantes tiveram que efetivamente dominar o tema a ponto de de-



De acordo com Jehny e Iury, o trabalho deu margem à abertura de novos caminhos e conhecimentos

envolver estratégias comparativas tiradas do cotidiano para esclarecer as dúvidas dos colegas: "Procuramos maneiras mais fáceis de explicar, para que eles pudessem entender também! E uma das campeãs de dúvidas dos alunos sobre relatividade foi, com certeza, sobre a possibilidade de viajar no tempo. É realmente possível?".

Outro ponto alto do projeto se deu com sua apresentação na Semana de Extensão do Cefet Nova Friburgo. Para Jehny e Iury a experiência foi fantástica, por estarem tratando com pessoas que não são leigas em Física: "Podemos utilizar termos mais complicados que ajudavam no entendimento de nosso trabalho. Lá, as dúvidas foram menos frequentes, mas, em compensação, a compreensão foi maior! E foi uma honra apresentar um trabalho num estabelecimento de ensino tão bom e respeitado como o Cefet; espero que tenhamos mais oportunidades de mostrá-lo não só lá como em outras instituições, como por exemplo Uerj e UFRJ!", enfatizaram.

Esta ação de interação entre os alunos do Ensino Médio e os de graduação do Cefet e a participação na feira de ciências aconteceu devido à parceria entre as duas instituições, através do projeto Pibid. Henrique Gravino, aluno de graduação de Física, também expressou seu contentamento: "Falar da Teoria da Relatividade para os jovens do Colégio

Estadual Dr. Tuffy El-Jaick e na mostra de extensão do Cefet foi excelente. É muito importante para um universitário o contato com outros estudantes e a possibilidade de falar para os próprios colegas na faculdade. É sempre bom pegar esses temas para apresentar, porque a gente aprende muito mais pesquisando, já que acaba se deparando com detalhes e dúvidas que não aparecem durante uma aula", ressaltou Henrique, animado com a experiência.

Ele afirmou que não havia este tipo de tema durante o período em que cursou o Ensino Médio. "Minhas aulas de Física foram bem básicas. Na faculdade eu já tinha visto em uma disciplina eletiva e agora estou tendo de novo em Física Moderna 1. Acho que já deveria fazer parte do Ensino Médio há muito tempo, assim como os tópicos mais recentes da disciplina também poderiam ser abordados, nem que fosse em eventos como feiras de ciências", sinalizou o graduando.

Colégio Estadual Dr. Tuffy El-Jaick  
Rua São Pedro, s/nº – Duas Pedras – Nova Friburgo/RJ  
CEP: 28630-140  
Tel.: (22) 9274-2143  
E-mail: infojaick@yahoo.com.br  
Coordenadora do Projeto: Professora Adriana Bernardes  
(adrianaobernades@uol.com.br)  
Fotos cedidas pela escola



# Complementando as ações

## (Função Sintática – Parte II)

Sandro Gomes\*

Continuamos nesta edição abordando o estudo da Função Sintática, agora dando espaço aos chamados Termos Integrantes da Oração, que são aqueles que servem para completar o sentido de verbos ou nomes, que por si próprios não conseguem encerrar uma ideia objetiva. Esses termos podem ser divididos em complementos **verbais** e **nominais**. Os **verbais** são os conhecidos “objetos”, que passamos a ver a partir de agora.

**Objeto Direto** é aquele que completa o sentido de um verbo sem necessitar da presença de preposições. Veja:

*Elas aguardavam **o avião**.*

O verbo “aguardar”, ao ter seu sentido completado por um objeto, não exige preposição, porque quem aguarda, aguarda alguma coisa (o *avião*, que aparece como o Objeto Direto).

O **Objeto Indireto** encerra a mesma ideia, com a diferença de que o verbo empregado solicita a presença de uma preposição. Observe:

*Certas pessoas não confiam **em ninguém**.*

Quem confia, confia *em* alguém. Dessa forma, sem a presença da preposição **em** a ideia não ficaria completa.

Há porém casos em que, mesmo se tratando de um verbo que não solicita a presença de preposição, os falantes sentem uma necessidade de empregá-la, constituindo o chamado **Objeto Direto Preposicionado**. Acompanhe os exemplos:

*O texto deixou **a todos** muito sensibilizados.  
Com isso, prejudicou **a si próprio**.*

Os Objetos **Direto** e **Indireto** ainda podem funcionar como **Pleonásticos**, quando aparecem mais de uma vez numa oração, com o intuito de que uma ideia seja reforçada. Veja:

***A mim**, deixaram-**me** muito à vontade.  
**A roupa**, eu **a** adquirei um ano antes.*

Já o **Complemento nominal** realiza a função de completar o sentido de um nome. Como sempre ocorre precedido de preposição, é muito comum que os estudantes o confundam com o objeto indireto, esquecendo naturalmente de que este completa uma ideia verbal e não um nome. Veja o exemplo:

*Algumas pessoas têm extrema necessidade **de atenção**.*

Repare que, se disséssemos apenas *Algumas pessoas têm necessidade*, certamente nosso interlocutor encaixaria uma pergunta: *Necessidade de quê?* É que alguns nomes, estando em certos contextos frasais, passam a solicitar um complemento, num movimento que realmente se assemelha bastante ao dos verbos transitivos indiretos.

O outro complemento nominal é o **Agente da passiva**, que aparece em orações nas quais o verbo se encontra na voz passiva, indicando assim quem executa a ação. Veja:

*As ilhas foram invadidas **pelas águas do mar**.*

Note que o sujeito (quem executa a ação) da oração é *As ilhas*. Porém esse mesmo sujeito é quem sofre a ação descrita na frase (ser invadido pelas águas do mar). Como característica deste tipo de oração temos que a forma nominal (*invadidas*) é que pede o complemento (As ilhas foram invadidas por quem?). Esse complemento (*pelas águas do mar*) é o que chamamos de **Agente da passiva**, pois se passarmos a frase para a voz ativa ele desempenhará uma função de sujeito (de quem comete a ação): ***As águas do mar invadiram as ilhas**.*

Sobre **Termos Integrantes da Oração** é isso. Na próxima edição fechamos o assunto Função Sintática, abordando os Termos Acessórios da Oração. Até a próxima, pessoal!

\*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar e Escritor.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br).

Os alunos da E. E. Professora Julieta Farão registraram o nome de bichos nas cartas do jogo mesmo sem saber escrever convencionalmente

# Vamos criar **fichas** para um **jogo** da **memória**?

Nessa atividade, as crianças comparam suas produções com as dos colegas, colocam à prova o que sabem e constroem conhecimentos sobre o sistema alfabético

Noêmia Lopes  
novaescola@fvc.org.br

**D**entre os vários momentos delicados da alfabetização inicial, existe um que merece muita atenção: a passagem da hipótese silábica para a silábica alfabética. É a fase em que a meninada começa a abandonar a escrita quase sempre feita só com vogais e passa a escrever acrescentando consoantes. “A introdução das consoantes desorganiza o sistema anterior, e as crianças devem empreender a penosa tarefa de encarar os desafios de encontrar uma nova organização”, afirma a psicolinguista argentina Emilia Ferreiro no artigo *A Desestabilização das Escritas Silábicas* (disponível em [abr.io/emilia\\_desestabilizacao](http://abr.io/emilia_desestabilizacao)). Nesse processo, o aluno registra

uma mesma palavra de modos distintos, em momentos diferentes, ainda em busca de uma estabilidade para escrever.

Para compreender o fenômeno e ajudar a garotada a progredir nas hipóteses de escrita, há diversos caminhos. Um deles é um projeto didático que prevê a produção de fichas para um jogo da memória. A proposta – criada pela pesquisadora Claudia Molinari, argentina especialista em alfabetização inicial – foi realizada pela turma do 1º ano da E. E. Professora Julieta Farão, na capital paulista. O tema escolhido foi “animais”, e as crianças tinham de escrever o nome dos que já conheciam. Ao longo deste texto, apresentamos algumas produções dos alunos analisadas por Regina Scarpa, coordenadora pedagógica da Fundação Victor Civita (FVC).

## **A mesma palavra escrita duas vezes revela o que a turma sabe**

Para realizar a atividade, selecione um tema e prepare as cartas. Cada par precisa ter a foto de um bicho e um



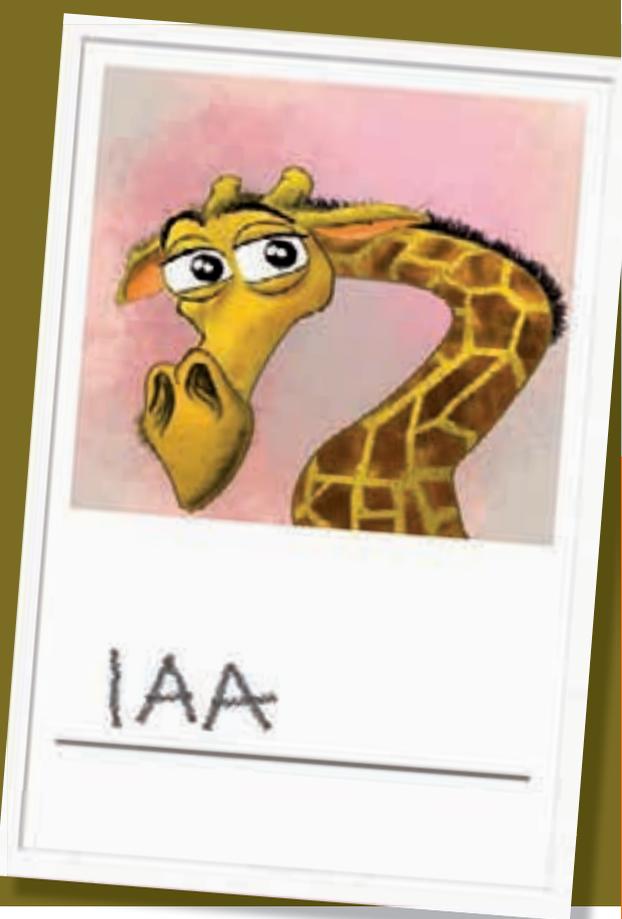
#### “EU SEI TODAS AS LETRAS”

As grafias das fichas do rato explicitam que o aluno sabe as letras necessárias para escrever o nome do bicho, mesmo não usando todas de uma vez. Ele registra ATO e depois RTO, ou seja, ora escreve a vogal (A), ora a consoante (R) da primeira sílaba. O mesmo ocorre nas fichas do sapo: o estudante primeiro grafa APO e depois SÃO. Para a primeira sílaba usa A e depois AS. Ele também varia a composição da segunda com PO e O. Ambos os casos são exemplos claros de alternância grafofônica



espaço para o nome dele. Depois, compartilhe com a turma o objetivo: construir um jogo para brincar com os colegas. Para começar, distribua uma ficha para cada aluno, reservando o par correspondente para ser entregue depois. É importante planejar qual será dada para cada um, levando em conta suas hipóteses de escrita. Afinal, os desafios contidos em escrever SAPO e CACHORRO, por exemplo, são distintos. Uma vez que todos tiverem terminado, peça que leiam em voz alta o que escreveram. Entregue outras fichas para serem preenchidas e repita o processo de leitura. Em seguida, recolha os trabalhos. No dia seguinte, cada criança recebe as fichas que fazem par com as que já escreveram e deve escrever o nome do animal correspondente novamente – sem consultar as anteriores. Se elas estivessem disponíveis, muitos estudantes replicariam o que tinham escrito antes. As intervenções que você pode fazer para ajudá-los nesse momento são as mesmas usadas em outras situações de produção escrita com foco na alfabetização: incentivar a busca por informações sobre o sistema de escrita em fontes conhecidas (lista de nomes da turma, por exemplo) e trocar ideias com os colegas. O esperado é que a maioria dos pares de palavras seja grafada de forma total ou parcialmente diferente.

O fato de um aluno escrever PICO na primeira carta e PIAO na segunda (ou vice-versa) para PELICANO, por exemplo, revela que ele conhece diferentes letras e os sons correspondentes aos segmentos silábicos – um bom sinal. Porém deixa claro também os dilemas sobre quantas e quais letras usar e em que ordem colocá-las. Esse fenômeno recebe o nome de alternância grafofônica: quando se reveza o uso de duas letras para representar uma emissão sonora (no exemplo acima, C e A para CA). “Nesse cenário é interessante perguntar às crianças se as duas opções são pertinentes para a escrita da palavra”, recomenda Telma Weisz, pesquisadora em alfabetização e supervisora pedagógica pelo Programa Ler e Escrever, da Secretaria



#### "ONDE USO ESSA LETRA?"

Os registros das fichas da zebra revelam que o aluno escolhe usar uma letra para cada sílaba (Z e A). Depois, nota que existe outra (B), que também é importante para escrever a palavra. Porém ele não sabe exatamente onde colocá-la. Esse é um caso de escrita de desordem com pertinência, tal como ocorre nas cartas da girafa. Inicialmente, a criança opta por escrever IAA, revelando que usa uma letra para cada sílaba. Depois de pronunciar o termo em voz alta algumas vezes, descobre o F e acrescenta a letra por último



de Educação do Estado de São Paulo. Muitas vezes, elas respondem que sim e acrescentam C à PIAO ou A à PICO. Se não o fazem na ordem correta, o resultado é um caso de desordem com pertinência.

Não se esqueça de oferecer também situações que façam a criança refletir sobre a escrita para ter a chance de avançar. Uma dessas oportunidades é a revisão. Segundo Claudia, a necessidade de ter uma versão definitiva das fichas justifica a etapa de revisão. "A tarefa faz sentido mesmo se os cartões tiverem escritas idênticas, porém equivocadas. Elas podem ser reformuladas e melhoradas", diz. Os alunos, com a sua ajuda, colocam à prova o que sabem, acrescentando, omitindo ou trocando letras de lugar.

### Refletir sobre as duas grafias para elaborar a versão final

Ao ter de redigir duas vezes a mesma palavra, como GALO ou CAVALO, em momentos distintos, os estudantes

podem comparar o jeito que escreveram cada uma delas, interpretá-lo e confrontar seus conhecimentos. Isso ajuda a fazer as alterações necessárias e, finalmente, escrever a palavra do melhor jeito. "Eles sabem que não é possível registrar de modo variado o que se pronuncia de uma maneira. Produzir um par de fichas e se deparar com duas escritas para a mesma palavra constitui um bom problema nessa fase", afirma Telma. Na hora da revisão, selecione um par de cartas que tenha um ponto recorrente dentro do grupo – uma alternância grafofônica, por exemplo – e promova uma discussão coletiva. Sem expor o autor sugira uma análise que, depois, será útil para todos durante a escrita definitiva. No caso das referentes a PELICANO (com os registros PICO e PIAO), a primeira pergunta é: "Em P-I-C-O está escrito o mesmo que em P-I-A-O?". A ideia não é que as crianças simplesmente escolham uma das versões, mas que discutam as razões que levaram o autor a escrever daquela maneira. Para isso, apresente novas questões a elas, como

### “O LUGAR DA LETRA É AQUI!”

Nas fichas do tatu, é possível observar que no primeiro momento o estudante escolhe uma letra para escrever cada sílaba (A e U). Em seguida, para preencher a segunda carta, ele acrescenta o T para complementar a primeira sílaba, deixando a segunda somente com a letra U – o que indica uma escrita silábica. Já nas fichas do galo, a criança grafia AOL inicialmente, compondo a segunda sílaba com letras pertinentes (O e L), porém em desordem, e em seguida a escreve de modo ordenado (ALO)



“Pelicano começa com a mesma letra de Pedro?”. Uma vez feita a revisão coletiva, com a contribuição das opiniões de muitos alunos, é esperado que a grafia convencional seja alcançada. Devolva, então, os outros pares para a turma revisar – individualmente ou em duplas (cuide para que alunos com hipóteses próximas trabalhem juntos). Nesse caso, a escrita convencional das fichas não necessariamente será alcançada – e não há problema desde que as crianças façam progressos.

Dentre os cenários possíveis com PIAO e PICO, por exemplo, elas podem manter uma das versões ou unir na

mesma sílaba (na ordem adequada ou não) letras só da primeira ou da segunda versão escrevendo, por exemplo, PIAOC. Seja qual for o modelo de revisão que adotar, é fundamental que você intervenha sempre que necessário, impulsionando os estudantes a pensar sobre as escolhas que fizeram e reavaliá-las. Assim, a meninada vai ampliar os conhecimentos e colocar em xeque as ideias que já têm, chegando cada vez mais perto da escrita convencional.

Mais em [novaescola.org.br/extras256](http://novaescola.org.br/extras256)



# Paródias engajadas

Tony Carvalho



O reconhecimento da sociedade como realidade multicultural, que reúne uma heterogeneidade de grupos humanos e identidades, faz parte de uma discussão que não pode passar despercebida no campo da educação. Como parte integrante e constitutiva dessa sociedade, a escola tem sido chamada a buscar o entendimento destas questões e a apontar formas mais democráticas de convivência, em que todas as raças e manifestações culturais delas oriundas sejam respeitadas. Os professores Tiago Dionísio, de Geografia, e Carlos Alberto Filho, de História, tiveram a ideia de desenvolver um projeto que tratasse das questões raciais no Brasil com uma abordagem diferenciada e, assim, despertasse o interesse dos alunos das turmas do Ensino Médio do Colégio Estadual Ana Néri, em Mesquita. Desse projeto foi lançado o Primeiro Concurso de Paródias do Colégio.

O professor Tiago enfatiza que a Lei 10.639, sancionada em 2003, tornou obrigatório o ensino sobre a história dos africanos no Brasil, destacando suas artes, literatura e religião, além das suas contribuições na construção da sociedade brasileira. “Esses conteúdos devem ser ministrados nas disciplinas de Arte, Literatura e História. Porém, nosso objetivo foi fazer com que todas as matérias tradicionais do nosso currículo fossem inseridas no projeto, incluindo as atividades extracurriculares, como música, coreografia, figurino etc. O objetivo não é trocar a base da educação de matriz europeia – centrada no homem e na mulher brancos –, mas equilibrar essas bases, respeitando todas as demais orientações culturais, como a negra, a indígena e a oriental. E com isso desconstruir o mito da Democracia Racial, que promove um velado racismo em nosso país, tornando o preconceito racial algo nefasto e cruel como não é visto em nenhum outro lugar”, completa.

O trabalho foi desenvolvido da seguinte forma: inicialmente, os professores apresentaram o projeto às sete turmas do Ensino Médio e começaram uma série de debates sobre o tema. A partir daí, cada uma delas escolheu o seu padrinho ou madrinha do projeto, que podia ser qualquer professor ou funcionário da escola. Os alunos fizeram as divisões das tarefas e partiram para a etapa de pesquisa, que culminou com a elaboração da paródia e da forma como ela seria apresentada à comunidade escolar, que poderia ser uma dança coreografada, um esquete teatral, uma demonstração culinária ou qualquer outra manifestação artística. Os professores definiram os parâmetros e, dentro deles, os alunos tiveram liberdade criativa.

O objetivo não é trocar a base da educação de matriz europeia – centrada no homem e na mulher brancos –, mas equilibrar essas bases, respeitando todas as demais orientações culturais, como a negra, a indígena e a oriental



Figura retratando um grupo de negros africanos com suas roupas e instrumentos musicais

As apresentações aconteceram na sede do Mesquita Futebol Clube em um clima de megaevento. Cada turma contou com torcida organizada, composta por familiares, amigos e até por alunos das turmas do Ensino Fundamental que também fizeram questão de participar dos bastidores das apresentações. “Um dos pontos altos do projeto foi observar a integração e a solidariedade entre as turmas. Numa sociedade que valoriza a competição, foi gratificante perceber que elas torciam umas pelas outras, reconhecendo todo o esforço empreendido em estarem ali. Após cada número, os alunos cuidavam para deixar o espaço limpo para a próxima turma”, relembra o professor Carlos Alberto.

Para dar um tom de seriedade e imparcialidade ao concurso, o júri foi composto por pessoas ligadas às artes e à educação do município. Ao final das apresentações, a turma vencedora foi a 2001, que exibiu uma paródia à música *Hot N' Cold*, da cantora *pop* americana Katy Perry. “Os pontos diferenciais na nossa turma foram a organização e o planejamento. Definimos representantes para liderar a turma inteira. Dividimos as responsabilidades

de acordo com a aptidão de cada um”, declara a aluna Stephanie Lima. Jessé Macedo e Ingrid Ferreira encabeçaram o grupo de redatores que ficou com a missão de produzir as rimas. “Estamos muito orgulhosos por essa vitória que despertou a autoestima de todos nós. Nossa turma tem altos e baixos, como em qualquer outra. Mas esse projeto nos uniu de tal forma, que acabou com os grupinhos que não se falavam em sala. Agora são todos amigos”, afirma Roger Ferreira.

Tanto a turma ganhadora quanto a vice-campeã tiveram como prêmio um passeio a um parque aquático em Santa Cruz. Para a diretora Fátima Maria Muniz Amaral, a escola toda foi a grande vencedora. “Essa iniciativa movimentou estudantes, pais, professores e funcionários. Todos fomos beneficiados. Cada aluno conquistou o seu prêmio particular. Em alguns, foi despertado o espírito de liderança, em outros ajudou a quebrar a barreira da timidez. Com isso, pretendemos dar continuidade à atividade, tornando-a um projeto permanente na escola, aprofundando as discussões e contribuindo para o amadurecimento dos nossos alunos”, conclui.

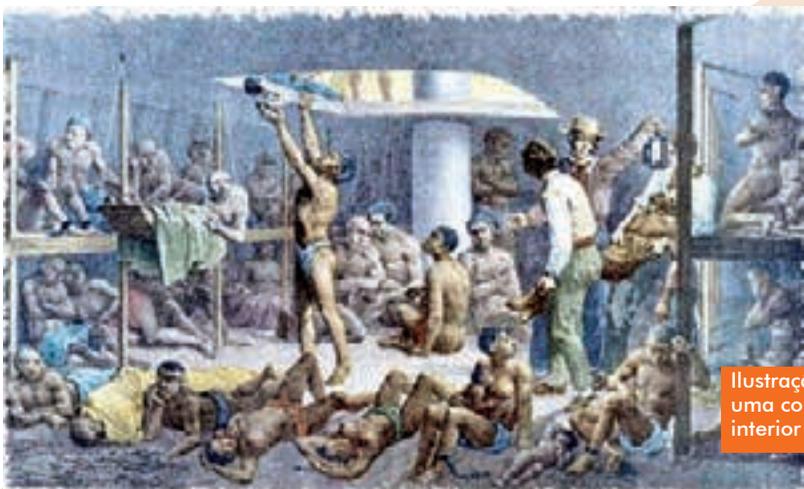


Ilustração que exemplifica uma condição próxima a do interior de um navio negreiro

Colégio Estadual Ana Néri  
Rua Augusto Cardoso, 193 – Bairro Coreia –  
Mesquita/RJ  
CEP: 26556-030  
Tel.: (21) 2797-9707  
E-mail: ceaneneri@yahoo.com.br  
Diretora: Fátima Maria Muniz Amaral



# The sound of a **new era**



Na Cidade Imperial, alunos do Ensino Fundamental recebem a nova escola ao som de *Oh Happy Day*

Marcela Figueiredo



Estudiosos sobre o tema afirmam que a música é um dos principais meios de persuasão existentes na sociedade. Através dela, é possível transmitir sentimentos, trabalhar a coordenação motora, o senso rítmico e melódico, além de aperfeiçoar idiomas e enriquecer o vocabulário. Independente da disciplina que ensinam, muitos educadores têm utilizado a música como recurso didático para aguçar o interesse dos alunos.

Foi o caso da professora Patricia Herter, que leciona Língua Estrangeira para alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental da Escola Municipalizada Santa Terezinha, na cidade de Petrópolis. A unidade de ensino em que trabalha passou por momentos muito difíceis.

O prédio onde a escola funcionava teve que ser reconstruído e, durante o período das obras, as aulas tiveram que ser ministradas em igrejas da região. Para tornar a história ainda mais dramática, o galpão que a Prefeitura havia construído para abrigar as turmas pegou fogo, o que causou grande comoção na comunidade escolar.

Foi então que, no mês de agosto de 2012, durante as aulas, Patricia decidiu que deveriam inaugurar a nova escola em grande estilo. O prédio ficaria pronto dentro de alguns meses e a data coincidiria com as festas de fim de ano. A professora,



Da língua materna ao idioma mais falado no mundo. Alunos usam o inglês para aprimorar seus conhecimentos

então, formou uma banda e começou a ensaiar com seus alunos músicas natalinas com versões em inglês.

Compartilhou o sonho do projeto com pessoas que poderiam ajudá-la e a direção da escola abraçou a proposta. Patricia selecionou uma música para cada turma e outras três para que todos cantassem juntos, formando um belo coral com mais de 100 vozes. No repertório estava, entre outras, a tradicional *Oh Happy Day*.

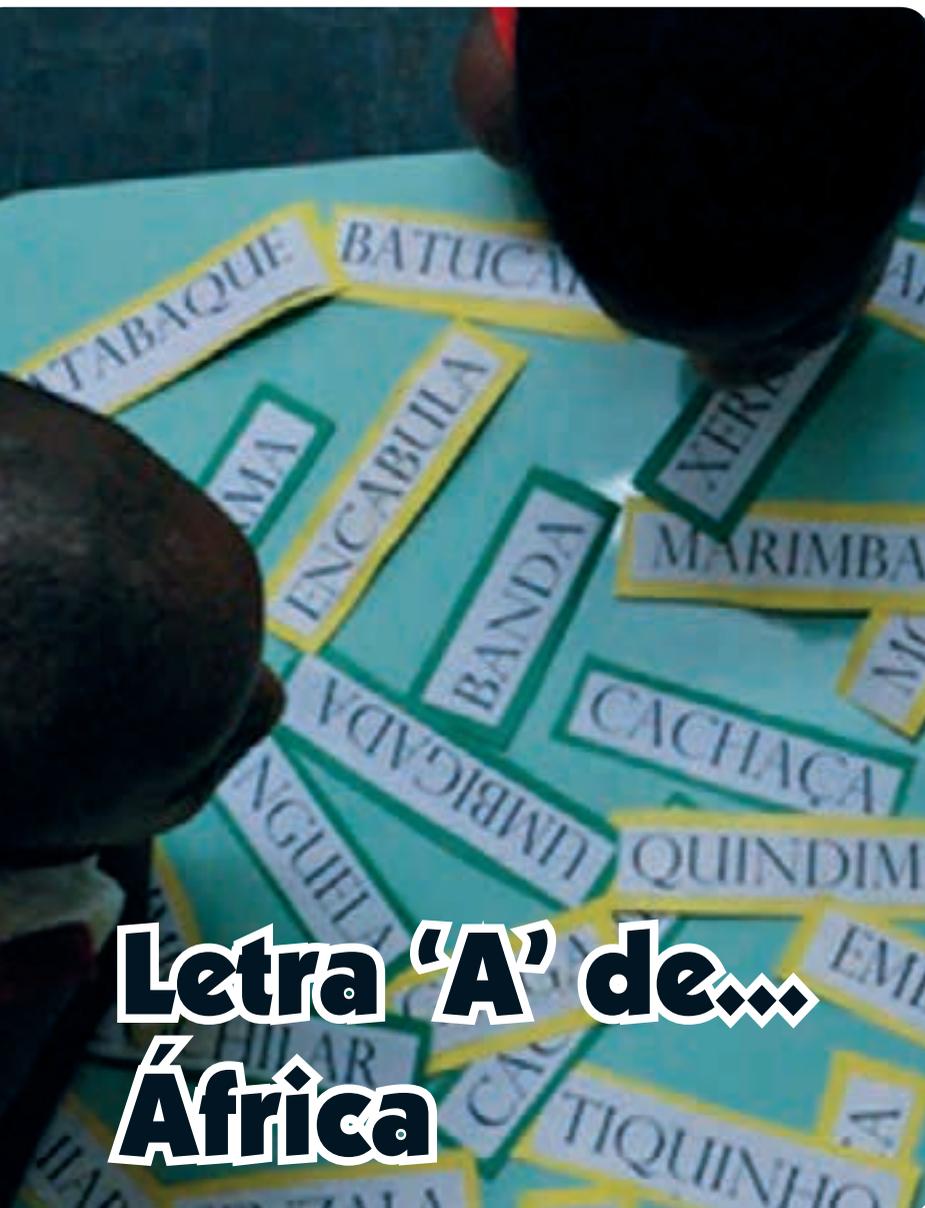
“Além de ensinar a pronúncia correta das palavras, o vocabulário envolvido e outras questões relacionadas ao idioma, eu falava sobre a importância do aprendizado do Inglês para a vida de cada um deles.”, explica Patricia, que leciona há 16 anos.

Assim, no final do ano passado aconteceu a *Cantata Christmas Concert – Light of the World*, na Escola Santa Terezinha. E, como o tema do evento foi o Natal, os educadores contaram também a história de Jesus. “Não falamos de religião e sim da história do cristianismo”, esclarece a docente. Ainda segundo a professora e idealizadora do projeto, todas as músicas selecionadas falavam de amor, respeito, perdão, compaixão, que foram os ensinamentos deixados pelo grande nome do evento.

“Como professora de Inglês, sei das dificuldades de ensinar esta língua. Às vezes, os alunos não conseguem ver a utilidade de ter o conhecimento de outro idioma. Através do projeto, consegui fazer com que valorizassem mais as aulas e percebessem, na prática, a utilidade da língua, tanto no aspecto cultural quanto no profissional”, completa Patricia.

Através deste projeto, pude abordar também a importância do trabalho em equipe, de acreditar em algo e lutar para que se realize. Tentei motivar cada aluno a incrementar a sua autoestima

Escola Municipalizada Santa Terezinha  
Conjunto Santa Edwiges - Rua C, s/nº – Vila Rica –  
Petrópolis/RJ  
CEP: 25750-360  
Tel.: (24) 2223-5603  
E-mail: see1102@petropolis.rj.gov.br  
Diretora: Gisela Varanda  
Fotos cedidas pela escola



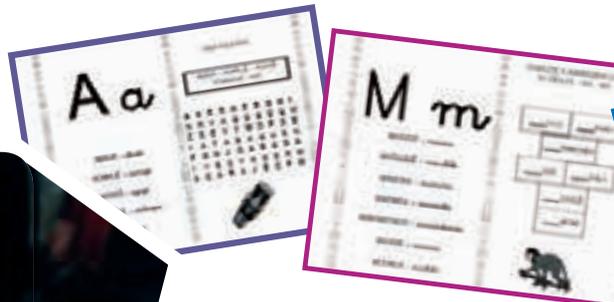
## Letra 'A' de... África

Palavras de origem africana são utilizadas no processo de alfabetização

Marcela Figueiredo

O trabalho desenvolvido há seis anos pela professora Denise Fernandes rendeu-lhe uma menção honrosa no Fórum da Diversidade Étnico-racial do Rio. O prêmio foi concedido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro aos profissionais de Educação que atuam em prol da aplicação da Lei nº 10.639/03.

Quando ainda era professora alfabetizadora, Denise começou a perceber que muitos alunos tinham atitudes racistas sem que se dessem conta disso. Comentários do tipo “ela tem cabelo de



Bombрил” ou “não quero sentar perto dele porque ele é preto” eram comuns em sala de aula. Foi então que a docente começou a desenvolver um trabalho que, além de ensinar a ler e a escrever, buscava conscientizar as crianças sobre as questões étnico-raciais do país.

A educadora começou a pesquisar sobre o assunto e as possíveis formas de fazer valer os artigos incluídos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação que tratam da obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-brasileira nas escolas. Ela descobriu palavras, danças e alimentos trazidos pelos escravos e que estão presentes no cotidiano do povo brasileiro até os dias atuais.

Denise conta que no início foi difícil convencer os demais professores e a direção da escola em que trabalhava na época a tratar do assunto devido ao fato de que normalmente as pessoas associam a cultura africana somente à questão religiosa. “Foi preciso mostrar que a África é muito mais que seus cultos. Comecei, então, a destacar as brincadeiras, a dança, a comida e os dialetos que contribuíram para a formação do português falado hoje no Brasil”, relembra.

A pesquisa deu base para que a educadora, com o passar do tempo, desenvolvesse um alfabetário composto somente por palavras de origem africana. Assim, ao invés de indicar que o “A”, por exemplo, formava a palavra “avião”, o alfabetário mostrava que a mesma letra iniciava outra, “atabaque”, assim como o “B” formava o vocábulo “berimbau”. O mesmo aconteceu com o “dendê”, com a “capoeira”, com o “fubá” e com o “samba”.





Usando a história como pano de fundo, professores ensinam seus alunos a ler e escrever

Denise começou a sentir necessidade de criar um material mais consistente e que servisse de apoio também para outros profissionais. Foi aí que apresentou a proposta a Luís Dias, artista plástico e secretário na Escola Municipal Ondina Couto. Ele abraçou a ideia e começou a desenvolver a parte gráfica do que hoje é uma cartilha. “Através desse trabalho eu pude conhecer um pouco mais a minha cultura. Foi prazeroso fazer parte disso e ver o interesse dos professores em alfabetizar utilizando um material composto somente por palavras de origem africana e ilustrado por mim”, declara Luís.

A atividade desenvolvida teve repercussão entre os profissionais de educação de Nova Iguaçu, e a professora foi convidada para assumir diferentes funções relacionadas à formação continuada de educadores em História e Cultura Africana. Em dezembro de 2012, o trabalho recebeu menção honrosa do Fórum da Diversidade Étnico-racial do Rio pela aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nos artigos 26A e 79B. Atualmente, Denise ocupa o cargo de diretora escolar e diz que “o resultado mais importante do trabalho é a difusão da cultura africana e a contextualização das palavras de origem afro no cotidiano dos alunos”.



Escola Municipal Ondina Couto  
Av. Brasil, 1.315 – Coreia – Mesquita/RJ  
CEP: 26556-000  
Tel.: (21) 3763-9792  
E-mail: emocouto@mesquita.rj.gov.br  
Direção: Denise Fernandes da Silva Paulino  
Fotos cedidas pela escola



# Escola brasileira faz parte da elite mundial

O Colégio Estadual José Leite Lopes (Nave) recebeu o reconhecimento da Microsoft como a única escola do Brasil entre as 33 mais inovadoras do mundo. A instituição foi selecionada para integrar o grupo *Microsoft Innovative Schools World Tour*, que representa a elite mundial dentro do Programa Escolas Inovadoras, que tem por objetivo pesquisar e reconhecer novos modelos e metodologias de educação, oferecendo apoio para a integração de tecnologias que promovam a melhoria do processo de aprendizagem.

Com ensino moderno, o Nave forma jovens para atuar com as novas tecnologias do mundo contemporâneo, preparando-os para exercer profissões como roteiristas, programadores e *designers* para atuar com TV digital, internet, celular e jogos eletrônicos. Ao final de três anos, os jovens saem da escola com diploma de Ensino Médio integrado ao profissional.

O colégio é uma parceria da Secretaria de Estado de Educação com o Instituto Oi Futuro e é composto de escola estadual de Ensino Médio e profissionalizante, núcleo de pesquisa e inovação, além de centro de disseminação, com o objetivo de trabalhar práticas inovadoras para a rede pública de ensino. Atualmente, cerca de 900 alunos e 80 professores integram suas escolas, no Rio de Janeiro e em Recife.

– Um dos objetivos do Oi Futuro é democratizar o acesso ao conhecimento. Quando digo que no Nave unimos tecnologia e educação, isso não significa apenas fornecer à escola equipamentos de última geração. A inovação não está na forma como esses equipamentos são usados, mas nas ideias que eles geram, na imaginação que despertam – disse o presidente da instituição, José Augusto Figueira.



As visitas às escolas mais inovadoras do planeta começaram em abril deste ano e contam com a participação de um seleto grupo de dirigentes escolares e distritais, representantes governamentais e professores.

Essas pessoas poderão acompanhar como os líderes educacionais dessas instituições têm aplicado a sua visão de reimaginar a Pedagogia e capacitar os professores, ajudando suas escolas a melhorar seus processos de ensino e atendimento aos alunos e o comportamento dos estudantes, aumentar os resultados dos testes, inspirar os jovens e desenvolver competências do século XXI.

O Programa Escolas Inovadoras faz parte da visão da Microsoft, que busca mais do que nunca trabalhar com governos, para juntos, diante das prioridades comuns, viabilizarem o crescimento e a competitividade do país, além de procurar contribuir com modelos pedagógicos e tecnológicos para o aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem de modo que se transforme não apenas a dinâmica da escola, mas o dia a dia dos alunos e de suas comunidades.

---

Fonte: Ascom/Seeduc

Fotos: Cris Torres/Seeduc



# Existe alguma ligação entre gengivite e problemas cardíacos?

Em geral, os dados indicam que a gengivite crônica pode contribuir para o desenvolvimento de problemas cardíacos. Como isso acontece? A gengivite é uma infecção bacteriana que pode ter efeitos à distância da sua boca. Com relação a problemas cardíacos, há uma teoria que diz que a gengivite permite às bactérias entrarem na corrente sanguínea e aderir aos depósitos de gordura existentes nos vasos do coração. Isto pode causar coágulos e provocar um problema cardíaco.

O relatório do Ministério da Saúde dos Estados Unidos afirma que a saúde bucal é parte integrante da saúde geral. Por isso, escove os dentes, use fio dental e vá ao dentista regularmente.

Com relação à saúde bucal, existem recomendações especiais para quem tem problemas cardíacos?

Para uma perfeita saúde bucal, você deve:

- Manter sua boca saudável. Isto é, escovar os dentes, usar fio dental diariamente e consultar o dentista de forma regular;
- Informe seu dentista a respeito de seu problema de saúde geral;
- Siga com cuidado as instruções do dentista e de seu médico e use os medicamentos – como antibióticos, por exemplo – de acordo com as indicações.

Os procedimentos dentários oferecem algum risco a quem tem problemas do coração?

Se você tiver certos problemas cardíacos, existe a possibilidade de desenvolver uma endocardite bacteriana, uma infecção do revestimento interno do coração ou das válvulas. Um sangramento na boca pode permitir que certas bactérias bucais penetrem no sistema sanguíneo e atinjam os tecidos que foram enfraquecidos por um problema cardíaco preexistente. Nesses casos, a infecção pode danificar ou mesmo destruir as válvulas e os tecidos do coração.

Há precauções que você deve tomar se estiver enquadrado em algum dos itens abaixo:

- Válvulas artificiais;
- Histórico de endocardite;
- Defeitos cardíacos congênitos;



- Válvulas do coração danificadas por problemas como, por exemplo, febre reumática;
- Prolapso da válvula mitral com sopro;
- Miocardiopatia hipertrófica.

Não deixe de conversar com seu dentista sobre qualquer problema cardíaco que estiver sentindo e os medicamentos que está tomando. Ele anotará essas informações em seu prontuário e tomará decisões sobre o seu tratamento dentário em conjunto com o seu médico.

**Extraído do site:** <http://br.mulher.yahoo.com/problemas-card%C3%ADacos-e-gengivite.html>

Matéria indicada por Eliane Costa, da Conferência Odonto.



# Pesquisar é Fundamental

Projeto estimula a participação ativa dos alunos na criação de soluções para os danos causados ao Meio Ambiente

Marcela Figueiredo

Você já ouviu falar sobre o Sistema Cinético de Bombeamento Hidráulico? Não? Pois é, esse é um dos temas discutidos pelos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de Mauá, localizada em Marechal Hermes, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Trata-se de um subprojeto que estuda o bombeamento da água através do movimento do rio ou da cachoeira. Com um sistema de vácuo, a água é sugada naturalmente até o local de irrigação. A pesquisa dos alunos do Ensino Fundamental, orientada por professores de diferentes áreas do conhecimento, tem o propósito de baixar o custo da produção agrícola em regiões pobres, visto que o gasto com energia elétrica para irrigação é muito alto.

A ideia surgiu de um projeto anterior, o Casa-Escola Ecologicamente Inteligente, que busca orientar os alunos para a pesquisa científica. A atividade possibilitou o desenvolvimento de outros trabalhos correlatos, entre os quais o Sistema Cinético de Bombeamento Hidráulico. “Nosso principal objetivo é desenvolver nos estudantes o espírito de pesquisa desde o Ensino Fundamental. Assim, quando eles chegarem ao Ensino Médio Técnico, terão uma capacidade mínima para iniciar qualquer projeto, pois conheceram previamente as etapas necessárias para isso”, esclarece o professor Jorge Luiz dos Santos.

O projeto inclui a participação dos discentes em oficinas e palestras onde são discutidas teorias e possíveis soluções para problemáticas ambientais. Cerca de 400 alunos participam, e as oficinas são realizadas com várias turmas nos três turnos. Paralelamente, a escola participa de feiras de ciências e tecnologia e, neste caso, os estudantes que mais se destacam são escolhidos para representar externamente a instituição.

O projeto é multidisciplinar e várias áreas do conhecimento são abordadas no decorrer da pesquisa. “O que importa é o fomento de ideias, que podem surgir tanto



dos alunos quanto dos professores. O que buscamos é desenvolver nos educandos a capacidade crítica perante a problemática ambiental.”, explica Jorge Luiz.

Com o projeto, além de estimular a pesquisa, os professores incluem o tema transversal Meio Ambiente na grade escolar, proporcionando aos alunos um espaço para a análise da realidade e uma participação ativa na criação de soluções para os danos causados ao planeta.

“Acreditamos que a intervenção iniciada dará bons frutos no futuro próximo, visto que o envolvimento dos alunos acabou por acelerar as discussões e elaborações de projetos de cunho ambiental. Os estudantes, na sua maioria, surpreenderam-se



Educadores e estudantes do Ensino Fundamental preparam material para a execução de projetos que incentivam à pesquisa

com as alternativas apresentadas, e o papel dos professores foi o de dar suporte e possibilidade de execução concreta para o florescer das ideias e soluções”, conclui o professor.

Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de Mauá (Faetec)  
Rua João Vicente, 1.775 – Marechal Hermes – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21340-021  
Tel.: (21) 2332-1054  
E-mail: [diretoriaeefvm@gmail.com](mailto:diretoriaeefvm@gmail.com)  
Direção: Jorge Luiz São Paulo  
Fotos cedidas pela escola



## Cenário histórico inspira professores

**D**iversos associados da Appai marcaram presença na corrida circuito Light Rio Antigo – Etapa Porto Maravilha. A equipe BemViver Caminhadas e Corridas mais uma vez teve um grande número de professores inscritos através do portal da Appai.

Entre inúmeros competidores, a professora associada Patrícia Irma Von Abel destacou-se pela criatividade no figurino retrô que animou o evento. A competidora surpreendeu o público ao participar do circuito junto com seu irmão, ambos trajados com roupas do início do século passado. A riqueza de detalhes nas vestimentas chamou a atenção dos espectadores e participantes da corrida. A atleta comentou que o desejo de inovar surgiu no evento anterior, na etapa Cinelândia.

“Comuniquei a todos que faria os bonecos da logomarca do evento criarem vida. Ninguém nos deu atenção. Meu irmão, que sempre me apoia nas minhas ‘loucuras’, aceitou ser o meu par. Assim, no mês de janeiro começamos a pesquisar: costura daqui, costura de lá e tudo foi tomando corpo”, afirmou Patrícia.

A associada comentou que sua mãe de 82 anos, que participa das caminhadas, ajudou na costura do figurino do personagem de seu irmão. A professora relatou ainda que, ao longo do trajeto de 5 km, competidores e espectadores cumprimentavam a dupla com muita simpatia, e que a boa repercussão se estendeu até as redes sociais.

Patrícia trabalha no município do Rio de Janeiro e leciona Artes Plásticas nas escolas municipais Dr. José Antônio Cirauco e Jornalista Carlos Castelo Branco. Desde o início de 2012, participa dos eventos de caminhadas e corridas da Associação e ressalta ter perdido 10 kg, o que fez com que sentisse uma grande e positiva mudança em sua vida.

Mais uma vez, o time da associação de professores formado por atletas de elite e amadores mostrou garra e condicionamento físico, mesmo debaixo do forte calor carioca.

A cada trecho do trajeto de 5 e 10 km os participantes se deparavam com praças, monumentos e prédios tradicionais, uma verdadeira aula de história a céu aberto.

Na tenda da Appai, os corredores contaram ainda com sessão de massagem, uma farta mesa com frutas, cereais, sucos, isotônicos e muita água mineral para hidratar professores, beneficiários e funcionários da instituição.

Os primeiros a cruzar a linha de chegada nos 5 km foram Gisele Barros de Jesus – Campeã, e Tereza Madalena da Costa – vice-campeã. Já nos 10 km, Clodoaldo Azevedo e Marcela Cristina Gomes conquistaram o ponto mais alto do pódio.

A professora Patrícia Von Abel e seu irmão personificam o glamour do Rio Antigo na etapa Porto Maravilha





# Feira Integrada

Gestão diferencia trabalho na Educação

Claudia Sanches

**E**xistem várias maneiras de trabalhar projetos pedagógicos nas escolas. O diretor Robson Sardinha, do Ciep 126 Almerinda Azeredo, apostou na Feira Integrada como melhor estratégia para expor a produção dos alunos no colégio, que atende a uma clientela dos ensinos Fundamental e Médio. Há mais de cinco anos o evento acontece no fim do segundo bimestre, com a apresentação de todos os trabalhos realizados ao longo do ano. “É uma boa opção para não se perder os projetos elaborados pelos professores em sala de aula e apresentá-los à comunidade. Cada docente alia a prática ao conteúdo da

sua disciplina ao seu modo, e a gente pode ver como esses jovens trabalham bastante. As rampas do Ciep viraram o corredor cultural”.

Durante a feira interdisciplinar o 3º ano do Ensino Médio apresentou um trabalho desenvolvido pela professora de artes Eliane Regly em parceria com a de Língua Portuguesa Valdenice Antunes, com quadrinhos, inspirados em histórias de terror e mistério. O pontapé inicial foi a discussão sobre as linguagens coloquial e culta. “Eles ficaram surpresos com o resultado, são verdadeiras obras-primas”, conta Eliane. A partir do quadro “O Grito”, os estudantes fizeram releituras



Criatividade surpreende: engenhocas de PVC representam sistema digestivo, releituras de “obras-primas”, como o “Abaporu de Tênis”, e a diversidade de linguagens: teve até fotonovela com a questão do trânsito

São ações não só para manter os alunos na escola, mas também para convidar toda a equipe docente a participar dos trabalhos com projetos

atualizadas da obra clássica do pintor alemão Edvard Munch e do Abaporu, de Tarsila do Amaral. “Eles são muito criativos; houve um aluno que fez o ‘Abaporu de Tênis’”, lembra Robson.

Nos trabalhos na área de Ciências os estudantes também levaram bastante conhecimento sobre o corpo humano aos visitantes. Para falar sobre o sistema respiratório os alunos inventaram uma engenhoca, com galão de água e canos de PVC, para explicar o funcionamento da respiração. Ricardo Gonçalves, de Educação Física, também ficou com o tema “saúde”, e mediu com a turma o IMC (índice de massa corporal) dos visitantes, explicando em seguida sobre a importância da atividade física e da alimentação para se obter qualidade de vida e prevenir doenças.

O professor de Sociologia Luiz Henrique produziu, com as turmas de Ensino Médio, vídeos interativos sobre mitologias. Os resultados ficaram atrativos porque mostram a lógica das sociedades de uma forma dinâmica, com mitos desde a Antiguidade Clássica até o lobisomem.

As turmas do programa Autonomia, com disfunção idade/série, desenvolveram o tema “Conhecendo seu corpo”, que incluiu uma campanha de esclarecimento sobre gravidez na adolescência através de várias linguagens. Na Matemática o professor Marcelo Freitas trabalhou com gráficos em situações diversas, como a administração da escola e a distribuição de água no planeta.

Entre as manifestações estéticas que mais se destacaram nas artes plásticas estavam os painéis em alto-relevo, com técnica de prata boliviana. As gravuras foram traçadas a partir do estudo do Barroco Brasileiro na literatura, em alguns trabalhos o material utilizado sendo substituído por lacres de achocolatado em lata. A ideia é expor esses painéis em paspartut e exibir nos corredores da escola. Outra atração foram as releituras das peças abstratas da escultora Lúcia Clark. A turma montou as obras a partir dos originais com formas e cores diferentes.



A produção encantou toda a comunidade, revelando o potencial desses jovens. O desafio da gestão, que resgatou a história do Ciep desde seu surgimento, é investir na motivação da equipe pedagógica

Com o tema “reciclagem”, no 1º bimestre os jovens propuseram a atividade “O lixo vira luxo”, um painel construído em grupo com flores feitas a partir de rolos de papel higiênico. Os estudantes do 3º ano apresentaram em fotonovela a questão do álcool no trânsito, num trabalho em que fotografaram as sequências, produziram os textos e montaram a narrativa.

Para comemorar os 25 anos do Ciep, o diretor Robson realizou alguns investimentos, como a inauguração da sala de leitura e do laboratório. Além disso, fez uma pesquisa para resgatar a memória perdida da escola: expôs a fotografia de dona Almedorina, sua patronesse, que doou o terreno ao estado na década de 1980 para a construção do prédio. Na época o local, Casa de Samir, abrigava um time de futebol e uma pequena escola: “Só havia essa unidade na região e, pequena, não dava conta da demanda de alunos”, conta Robson, que mencionou todos os diretores até a gestão atual e não economiza esforços, quando se fala em investir: “Dou todo apoio aos educadores que querem participar, estou disponível aos pedidos dos docentes que,

no desenvolvimento de suas tarefas, utilizam artigo reciclado mas também materiais nobres.

Para a diretora adjunta Eliane Domingues o maior desafio é a mobilização de pelo menos 80% do quadro de professores para trabalhar com projetos no próximo ano. “A meta é que todos estejam conosco. Por isso, para a próxima mostra investiremos na motivação da equipe. São ações não só para manter os alunos na escola, mas também para convidar todo o corpo docente a participar dos trabalhos com projetos”.

Ciep 126 Almedorina Azeredo  
Rodovia Amaral Peixoto Km 8 – Rio do Ouro –  
São Gonçalo/RJ  
CEP: 24751-000  
Tel.: (21) 3701-5425  
E-mail: ciepalmedorina@educacao.rj.gov.br  
Direção: Robson Sardinha  
Fotos: Marcelo Ávila

# Poetinha nas escolas de Angra

Projeto de incentivo à leitura homenageia centenário de Vinícius de Moraes



Marcela Figueiredo

**A**pós receber o convite para fazer parte da equipe que coordena as bibliotecas e projetos de leitura da Secretaria de Educação de Angra dos Reis e ser designado para fazer o acompanhamento nas escolas da região, o pedagogo Marcio Bernardino Sirino vislumbrou a oportunidade de realizar com os alunos um projeto de incentivo à leitura.

Somado a isso, surgiu a ideia de trabalhar com os textos de Vinícius de Moraes e assim homenagear o centenário do poeta. Dessa forma, foi criado o projeto *Poetinha Vai às Escolas*, no qual, por meio de oficinas pedagógicas, os alunos são estimulados a desenvolver habilidades interpessoais, artísticas e motoras.

Atividades lúdicas como contação de histórias, exibição de vídeos, dramatização e rodas de diálogos são realizadas nas bibliotecas ou salas de leitura das escolas da Ilha Grande, Ilha Gipoia e Ilha Caieras. Ao todo, oito escolas e aproximadamente 240 alunos do Ensino Fundamental são beneficiados pelo projeto.

Uma especificidade do trabalho é a realização das tarefas com no máximo 15 estudantes. Isso, segundo Marcio Bernardino, possibilita uma participação mais ativa dos educandos. "Para que uma atividade seja significativa, o aluno deve ter condições de interagir e se expressar. Não dá para incentivar a leitura de uma maneira lúdica e prazerosa numa sala com trinta estudantes, todos falando ao mesmo tempo e sem espaço adequado. Sei que nossa realidade de sala de aula é assim, mas com o projeto gostaria de propor-

cionar uma vivência diferenciada aos educandos", explica o pedagogo. Quando necessário, as turmas são divididas e a oficina é feita duas ou três vezes.

As atividades acontecem todas as terças e quintas-feiras, de forma que cada escola é contemplada com elas uma vez por mês. Os outros dias da semana são dedicados ao planejamento e registro do trabalho desenvolvido.

Nesse projeto, o aprendizado não é medido ou quantificado. A avaliação é efetuada nos momentos de rodas de diálogos, onde os alunos podem se posicionar frente ao que acharam da oficina pedagógica, expressar suas visões sobre a leitura e propor novos temas e atividades.

A culminância do projeto está prevista para o final do primeiro semestre de 2013, quando em cada escola será realizado um Chá Literário. "Esse momento será dedicado à confraternização e mostra dos poemas trabalhados ao longo do projeto de incentivo à leitura. Após as apresentações, finalizaremos com um lanche coletivo e algumas dinâmicas de grupo", planeja o dinamizador do trabalho, Marcio Bernardino.

Secretaria de Educação de Angra dos Reis  
Pça. Marquês de Tamandaré, 116 – Centro – Angra dos Reis/RJ  
CEP: 23900-000  
Tel.: (24) 3377-1959  
E-mail: pedagogomarcio@gmail.com  
Pedagogo responsável: Marcio Bernardino Sirino  
Fotos cedidas pela escola



# Saúde em cena

Profissionais da Educação participam do programa Saúde Nota 10 da Appai

Claudia Sanches

**F**alta de tempo, violência, muitas horas de trabalho dentro e fora da escola, baixos salários, a responsabilidade de educar crianças... Não faltariam justificativas de problemas que poderiam colocar em risco a saúde dos profissionais de Educação. Na Escola Municipal Viriato Correa, esses foram os relatos dos que participaram das palestras e atividades do programa Saúde Nota 10, promovido pela Appai.

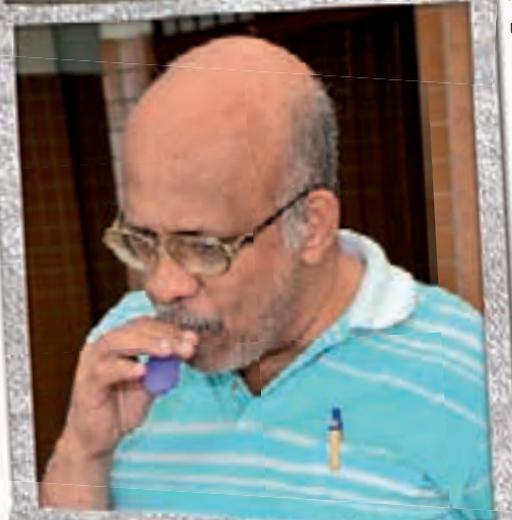
O objetivo do projeto, que conta com uma equipe multidisciplinar, composta por psicólogo, dentista, enfermeiro, nutricionista e fisioterapeuta, é promover a prevenção de doenças e o bem-estar dos que atuam na escola. Para usufruir do benefício, o associado deve ligar para a Appai e solicitar a presença dos profissionais, que ministram palestras e promovem atividades com as pessoas na própria unidade.

## Uma equipe muito especial

A psicóloga Ieda Herculano explica que a ideia das palestras é alertar a categoria para as principais doenças da atualidade, como hipertensão, diabetes e obesidade, e tentar alternativas para controle do estresse e a busca de uma melhor qualidade de vida. É um dia dedicado à saúde, já que no cotidiano muitos se esquecem de procurar o médico e não têm motivação para cuidar desse lado. O conceito do trabalho, segundo a psicóloga, é baseado em alimentação saudável e cuidados com o corpo. São mudanças de atitude visando um amadurecimento.

Segundo a dentista Yeda Rodrigues, a aceitação pelo professor é muito boa. No caso da E. M. Viriato Correa, a docente Renata Neves solicitou a visita dos especialistas para levar informações a seus colegas de trabalho: "Particpei de uma oficina de alongamento pela Appai e então fiquei sabendo dessa possibilidade. Acho importante alertar nossa equipe para a prevenção de doenças, já que as pessoas se esquecem de procurar ajuda. Essas atividades teóricas e práticas quebram a rotina agitada, estimulam o cuidado com a saúde e no final os colegas adoram", garante Renata. Yeda abordou as doenças periodontais relacionadas a desordens metabólicas. "Nosso enfoque de saúde bucal é orientar no sentido de as pessoas acompanharem o bem-estar das gengivas e ossos, já que o estresse torna as defesas do organismo mais fracas, propiciando a instalação de bactérias e doenças como o bruxismo".

A nutricionista Raquel Azevedo esclareceu várias dúvidas e levou muita informação aos participantes sobre o que se come e a forma correta de aproveitamento, com a proposta dos alimentos funcionais que, além dos nutrientes, possuem um valor agregado que ajuda a prevenir doenças: "Para se aproveitar o licopeno do tomate, por exemplo, devemos comê-lo de forma aquecida, para que ele possa liberar essa substância. E a semente





Aprendendo a lidar com os conflitos: As "brincadeiras" realizadas pelos profissionais de saúde alertam para os principais inimigos do dia a dia: agitação e estresse inevitáveis

da linhaça, para que nos beneficiemos do ômega 3, deve ser triturada e consumida na hora. Não adianta comprar farinha pronta", ressaltou a nutricionista.

Dona Sônia, merendeira, também aprendeu bastante durante a palestra sobre alimentos para as mulheres que estão na menopausa: "Agora entendi por que meu cabelo está caindo", brincou a funcionária, que vai passar a ingerir bastante soja para consumir isoflavonas, que fornecem hormônios para a mulher.

## Questão de postura

"Vocês já pensaram na sua postura hoje?", perguntou a fisioterapeuta aos participantes. No mesmo instante todos se ajeitaram nas cadeiras. A abordagem tem a função de lembrar as pessoas sobre a necessidade de uma postura correta: "Só paramos para pensar na coluna e no pescoço quando se instalam os processos dolorosos". Portanto a dica foi manter a coluna da forma mais ereta possível. "Quem trabalha muito sentado deve adaptar a cadeira ao corpo com almofadas e quem trabalha em pé deve manter uma postura abdominal equilibrada. O ideal é estar sempre se policiando". A fisioterapeuta também indicou atividade física, lembrando que o corpo foi feito para estar em movimento e citou os programas da associação que estimulam as corridas e caminhadas pelas ruas do Rio de Janeiro: "A Appai disponibiliza os estandes e quem quiser participar pode entrar em contato".

Para finalizar o evento, a psicóloga propôs uma atividade lúdica com os funcionários. Para ela, a ansiedade e a agitação são os maiores fatores de estresse para os educadores. Yeda pediu que as pessoas, dispostas em círculos, dissessem

bem alto algo que as estressa e soprasses uma bexiga que depois todos furaram, num gesto simbólico, gritando em seguida o que mais incomodava: "A brincadeira tem objetivo de descontrair. Todos temos ansiedade, problemas, é a condição humana. A questão é a forma como lidamos com os conflitos. Temos que identificar que coisas nos afligem e pensar o que vamos fazer com isso. Perceber o que incomoda, aceitar aquilo que não podemos evitar e modificar o que é possível", finaliza.

A professora Paula Andrez, que teve a pressão medida durante o evento, aprendeu a lição. Após anos de docência, ela descobriu que estava hipertensa. Aproveitou as palestras para realizar um check-up e ver o que poderia fazer para melhorar a qualidade de vida. Reconheceu que está sobrecarregada.

Para ela o encontro foi um momento de olhar para si, já que sua profissão exige muita dedicação aos alunos: "Nos dias atuais é difícil olhar para nós mesmos. Não temos tempo de ir ao médico e não saímos nos fins de semana porque estamos exaustos. Esse tipo de evento faz a gente parar para pensar. Se nós estivermos mal, como vamos cuidar e ensinar as crianças? Saí dessa 'zona de conforto' e quero cuidar mais de mim".

O educador que deseja uma visita da equipe Saúde Nota 10 pode acessar o [site www.appai.org.br](http://www.appai.org.br) ou ligar para (21) 3983-3200.

Escola Municipal Viriato Correa  
Rua Guararema, nº 50 – Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21550-170  
Tel.: (21) 3015-9826  
E-mail: [emviriaticorrea@rioeduca.com.net](mailto:emviriaticorrea@rioeduca.com.net)  
Direção: Jorge Luis da Silva Santos  
Fotos: Marcelo Ávila



# Educação ambiental começa em casa

Claudia Sanches

Uma Casa e Escola Ecologicamente Inteligente, feita com materiais reutilizados, sistema de reaproveitamento de todo o lixo, das águas da chuva e da tubulação para transformação em energia. O nome do projeto tem o objetivo de lembrar às pessoas que as residências são grandes elementos poluidores, não só as fábricas e os carros. “Para os alunos a casa é uma realidade mais próxima, e o lugar onde moramos se revela um agente poluidor grande, mas que muitas vezes passa despercebido, por isso o título é um ótimo gancho para falar de como poluir menos, partindo do micro para o macrocosmo”, explica o diretor da Escola Estadual Visconde de Mauá, da Faetec, Jorge Luis São Paulo.

A ideia é estar todo o tempo lançando situações-problema para que os estudantes planejem uma solução. Por exemplo, como irrigar uma horta (orgânica) sem gastar energia. O que podemos fazer para causar menos impacto com o lixo que se produz num ambiente doméstico.

A equipe pedagógica começou a trabalhar com turmas com defasagem idade-série do Ensino Fundamental. Iniciativa do diretor Jorge Luis São Paulo e do professor de História Douglas Pires, o trabalho tem como proposta buscar novas alternativas de consumo, produção e relação do ser humano com a natureza.

O projeto nasceu da parceria com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), através do Programa Agenda 21, que apoiou as ideias e as atividades da escola, com ações voltadas para a proteção do Meio Ambiente, e hoje é extensivo a outras turmas.

As experiências desenvolvidas foram base para formatar o projeto atual, que oferece oficinas no contraturno nas áreas de ciências, pesquisas, confecção de maquetes e protótipos para resolver questões ligadas à proteção ambiental. Dentro dessas atividades realizadas na rotina dos alunos está a implantação do Sistema Cinético de Bombeamento Hidráulico, que foi tão bem-sucedida que ganhou vários prêmios.

Alunos e docentes participaram da construção do sistema: através de debates e palestras, decidiram linha de pesquisa e espaço de montagem. Assim optaram por fazer uma prática externa para auxiliar agricultores de Nova Friburgo com a finalidade de economizar energia elétrica para a irrigação das plantações através de um rio próximo, com um produto final mais barato. “O próprio fluxo do rio serve de pulsão de gás para a bomba para irrigar a plantação sem custo de eletricidade. Dessa forma os alunos podem relacionar o conhecimento de sala de aula com o mundo e as necessidades ambientais. Eles passaram a observar na prática e ficaram encantados ao ver a maquete funcionando perfeitamente”, conta o professor Douglas.

O subprojeto começa com sessões de liberação de ideias, a partir de uma situação-problema sobre energia, no caso, e anotação dos custos para confecção do produto final e realização de testes durante as oficinas, em horários que podem ser coordenados com os tempos das aulas. Paralelamente a isso, as crianças vão planejando a casa ecológica, um projeto continuamente elaborado tendo em vista soluções para minimizar o





Professores e alunos planejam soluções que viabilizem um menor consumo de energia elétrica para a irrigação das plantações

impacto sobre a natureza: “A poluição é o resultado de vários fatores. A casa é uma ‘desculpa’ para as problematizações e para se pensar soluções”, explica Douglas.

Para o diretor Jorge Luis, o que mais marcou como educador durante as atividades foi ver a autoestima dos alunos, que não se sentiam capazes de executar as atividades propostas por serem estudantes com questões de aprendizagem. O professor também destaca a reorganização da rotina escolar já que o projeto quebra a rigidez das aulas para o cumprimento das tarefas e promove o diálogo entre as disciplinas: “Eles são envolvidos em uma nova dinâmica educativa que possibilita integração entre pessoas

e conhecimentos. É uma pedagogia colaborativa, além de contribuir para um relacionamento mais horizontal entre alunos e professores”, conclui o diretor.

Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde de Mauá (Faetec)  
Rua Xavier de Curado, s/nº – Marechal Hermes – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21340-021  
Tel.: (21) 2332-1054  
E-mail: [diretoriaeefvm@gmail.com](mailto:diretoriaeefvm@gmail.com)  
Direção: Jorge Luiz São Paulo  
Fotos cedidas pela escola

# De olho na Língua Portuguesa

Atividades com música, poesia, dança e jogos fazem com que os estudantes aprofundem o conhecimento sobre o conteúdo da disciplina

Marcela Figueiredo

**P**romover o letramento de maneira lúdica, estimular os alunos a realizarem pesquisas e abordar de forma diversificada as competências e habilidades previstas no currículo de cada série foram os principais objetivos da III Feira de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Governador Roberto da Silveira. A ideia de desenvolver o projeto envolvendo as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura surgiu há três anos, quando os professores começaram a trabalhar de maneira mais intensa as linguagens, não apenas como forma de expressão e comunicação, mas também como elementos constituidores de conhecimento e valores.

Dessa forma surgiu o projeto *De Olho na Língua Portuguesa*, que segundo Denise Veloso, professora responsável, “aborda de forma diversificada assuntos relacionados aos estudos da língua portuguesa e literaturas portuguesa e brasileira”. Apesar do nome, o projeto recebeu também o apoio dos docentes de História e Sociologia. As atividades aconteceram em dois dias, mas, antes disso, os alunos tiveram que mergulhar fundo e pesquisar conteúdos significativos sobre os temas que deveriam apresentar durante a culminância.

O primeiro dia foi reservado para as atividades expositivas, quando os estudantes, dentro das salas de aula e nas tendas armadas no pátio do colégio, apresentaram o conteúdo teórico do que pesquisaram e aprenderam. Verbetes, figuras de linguagem, charges, movimentos literários, origem da Língua Portuguesa, acordo ortográfico e licença poética foram alguns dos temas expostos nos cartazes elaborados pelos jovens.

A segunda data foi reservada para as atividades com música, dança, teatro, jogos e poesia. Todas as apresentações deveriam levar em consideração o conteúdo das disciplinas, por isso cada música e cada poesia foram cuidadosamente

selecionadas. A letra da música “Tia Anastácia” foi escolhida para a apresentação de dança sobre literatura africana, enquanto “Tempo Perdido” embalou o trabalho sobre figuras de linguagem. Os alunos do primeiro ano prepararam uma palestra cujo tema foi “A origem da Língua Portuguesa”, e uma competição de soletração foi organizada pelos discentes do segundo ano.

Na avaliação dos professores, o resultado da atividade não poderia ter sido melhor: “Nos surpreendemos com tamanha empolgação dos alunos. No dia dos trabalhos expositivos, todos estavam afiados e prontos para explicar sobre os temas previamente bem pesquisados”, ressalta Denise.

Colégio Estadual Governador Roberto Silveira  
Av. Roberto Silveira – Éden – São João de Meriti/RJ  
CEP: 25545-080  
Tel.: (21) 2656-3741  
E-mail: robertosilveira@click21.com.br  
Direção: Denilce do Carmo e Conceição Dionísio



Imagine uma pessoa que não consegue ter fôlego para caminhar, subir escadas e outras atividades simples do dia a dia. Assim vive um paciente que tem hipertensão arterial pulmonar. A doença apresenta um conjunto de alterações que dificultam a passagem do sangue pelas artérias e veias pulmonares. Esse processo pode sobrecarregar o coração e causar cansaço, falta de ar e desmaios. Muitas vezes os pacientes confundem os sintomas com os de doenças pulmonares, como asma e bronquite. Em casos muito graves, pode haver necessidade de internação e de transplante pulmonar. Infelizmente, não existe indicação específica para prevenir o aparecimento da hipertensão pulmonar, no entanto, como regra geral, recomenda-se não fumar, evitar a obesidade e manter-se ativo.

A Dra. Silvana Elena Romano – chefe do Centro de Referência em HAP, do Hospital dos Servidores do Estado/RJ – alerta para os riscos da doença, rara e grave, que pode ser diagnosticada corretamente através de cateterismo cardíaco direito, porém alguns exames complementares devem ser realizados previamente de acordo com a origem da suspeita. Segundo a Dra. Silvana, a prática de esportes não é recomendada, uma vez que o paciente não tem capacidade respiratória para desenvolver exercícios físicos de alta intensidade.

Desde 2009, a associada da Appai Elaine de Assis vem se dedicando ao tratamento de sua mãe, Erly de Assis de Almeida, de 63 anos. “A doença foi descoberta após a realização de um exame de ecocardiograma, realizado em função de ela estar apresentando extrema fadiga em repouso. O médico, assim que constatou a enfermidade, internou-a e iniciou uma maratona de exames e tratamentos com uso de medicação” – disse Elaine.

De acordo com sua filha, atualmente a Sra. Erly encontra-se com os sintomas controlados e, para ganhar mais qualidade de vida, realiza exercícios de fisioterapia em casa para melhorar a resistência respiratória, faz trabalhos manuais como tricô e crochê, e, na medida do possível, passeia e viaja a lugares diferentes da sua rotina, fazendo uma espécie de higiene mental. “Minha mãe sonha em voltar a ser independente, pois não pode sair sozinha, tendo em vista a gravidade da doença. Isso faz com que ela sinta essa frustração e em algumas pessoas causa depressão” – afirmou Elaine de Assis.

Segundo ela, ainda falta uma maior divulgação acerca da doença através de campanhas, uma vez que muitas pessoas sofrem do mesmo mal e acabam não recebendo um diagnóstico preciso. Diminuir a burocracia do Estado para facilitar o acesso aos caros medicamentos para tratar da HAP pode ser uma grande solução, haja vista que em muitos casos há necessidade de acionar a Defensoria Pública da União para que se tenha acesso à medicação.



Tontura e desmaios

Fadiga

Tosse persistente

Dor e desconforto torácico



# Múltiplas linguagens

Tony Carvalho



As turmas do Ensino Médio encenaram trechos de obras literárias, como o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente

A Literatura tem múltiplas facetas: o ato de ler, de interpretar, de criar... possibilitando o diálogo com diferentes formas de arte. E é com o objetivo de desenvolver a habilidade de leitura e de interpretar as mais variadas manifestações artísticas que o Ciep 412 Doutor Zerbini, em São Gonçalo, desenvolve o projeto anual *Maratona de Leitura*, que consiste em incentivar o aluno a levar para casa livros do acervo escolar, lê-los e, ao trazê-los de volta para a escola, fazer uma espécie de rodízio com outros estudantes. Com essa prática, eles são estimulados a ler um número cada vez maior de obras literárias.

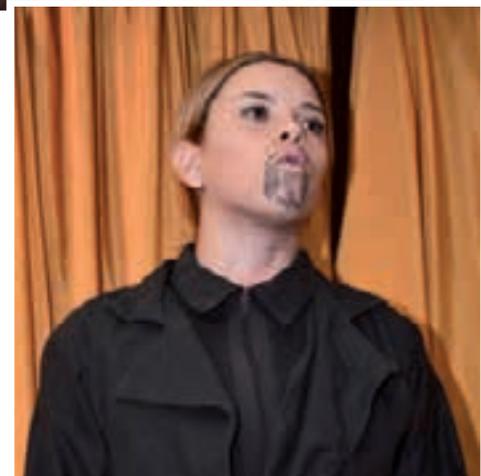
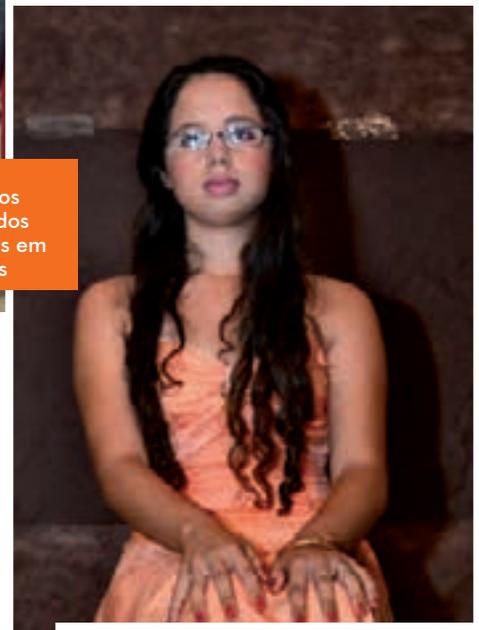
O ponto alto do projeto ocorre nas edições anuais da “Mostra Literária”, quando os alunos de todas as turmas se preparam para exibir, em grande estilo, um pouco do que leram, aprenderam, refletiram e criaram. “A literatura é a principal forma de reflexão e aquisição do saber. A Mostra é um grande sucesso na nossa escola. A cada ano, o projeto vem ajudando a aumentar o gosto pela leitura e despertando o senso crítico e participativo dos estudantes. Para cada mostra, os alunos desenvolvem um trabalho em diferentes linguagens: teatro, cinema, música, maquetes etc. Dentro do enredo da obra abordada, definem subtemas, numa atividade interdisciplinar, sempre contando com a participação dos professores, que atuam como orientadores”, explica a diretora-geral da escola, Maria das Graças Cordeiro da Cruz.

Na última edição, participaram cerca de mil alunos dos ensinos Fundamental e Médio. “*Moby Dick*”, “*As Aventuras de Gulliver*”, “*O Caçador de Pipas*”, “*O que Rola na Escola*”, “*1822*” e “*O Alienista*” foram algumas das obras traba-

A literatura é a principal forma de reflexão e aquisição do saber. A cada ano, o projeto vem ajudando a aumentar o gosto pela leitura e despertando o senso crítico e participativo dos estudantes



A partir dos livros trabalhados, os alunos desenvolveram enredos que foram abordados em diferentes linguagens



lhadas pelos jovens. Enquanto as turmas do Fundamental montaram uma exposição de produções textuais e de artes manuais, as do Ensino Médio investiram numa atividade voltada para as linguagens teatral e cinematográfica. “Os estudantes participaram de todas as etapas, desde o roteiro e adaptação da obra lida para o cotidiano deles, passando pela interpretação dos personagens envolvidos, até a pós-produção. Eles elaboraram curtas-metragens com textos da literatura brasileira, especificamente o Modernismo – movimento cultural que estavam estudando em sala de aula –, mesclando poesia e prosa. Inicialmente, os alunos tiveram que trabalhar toda a parte literária para depois desenvolver o enredo da apresentação. É quando eles decidem se vão reproduzir a história abordada ou se vão criar um outro conteúdo em cima da obra. Trabalhos como esse estimulam o prazer pela leitura e o pensamento crítico”, afirma a professora de Literatura e Língua Portuguesa, Sheila Santos. Entre as apresentações teatrais, uma das mais aplaudidas pela comunidade escolar foi a adaptação da obra “O Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente, que de forma cômica e crítica faz um retrato do julgamento das almas após a morte.

Para a professora de História Luciana Viana, conciliar o conteúdo da disciplina à mostra também foi fácil. Segundo ela, o ponto fundamental para o sucesso é o grau de envolvimento de professores e alunos com o que é proposto. “Um trabalho interdisciplinar requer que os professores conheçam a metodologia de cada um para saber de que forma a atividade será encaminhada. A partir daí, iniciamos o processo de envolvimento do estudante. Nós lançamos a semente e o incentivamos a regá-la, para que ela germine”, finaliza.

Ciep 412 Doutor Zerbini  
Rodovia Amaral Peixoto, km 11 – Colubandê – São Gonçalo/RJ  
CEP: 24744-560  
Tel.: (21) 3119-5866  
E-mail: zerbini412@gmail.com  
Direção-geral: Maria das Graças Cordeiro da Cruz  
Fotos: Marcelo Ávila

# Lição de arte e de vida

Projeto resgata vida e obra de Vinícius de Moraes

Claudia Sanches

**F**acebook, games, hambúrguer, batata frita, televisão, amigos, namoros... A escola precisa se atualizar porque a garotada está atenta aos apelos do mundo lá fora. Por essa razão a direção do Colégio Externato Hilmar valoriza muito os projetos pedagógicos e todos os anos promove a Feira Literária, que esse ano levou o Centenário de Vinícius de Moraes para os estandes, envolvendo as turmas da Educação Infantil até o Ensino Médio. "São oportunidades de trabalhar de forma lúdica e integrada que propiciam a prática dos conteúdos. Eles adoram os desafios propostos e, em sala, os estudantes também reconhecem informações que viram no evento: 'Ah! Professora, a gente viu isso na feira'. Então esses projetos não ficam estanques, eles saem da sala para as mostras e vice-versa. Assim os alunos podem identificar os conceitos e aplicá-los à realidade. Eles se divertem", afirma a professora de Literatura Sandra Costa.

Segundo a coordenadora pedagógica Denise Leal, o tema foi lançado para as turmas no início do ano, mas cada uma abordou um ângulo e escolheu o formato da apresentação. A divisão dos tópicos foi realizada com cuidado até pela diversidade da vida e da obra de Vinícius de Moraes. "Os estudantes ficaram muito entusiasmados, principalmente no final, e surpresos com sua própria produção. Eles não acreditam na sua criatividade", revela Denise. Não é só o corpo discente que curte o trabalho. Elza Suely, mãe do aluno Georg Albert, prestigiou todos os estandes e não esconde que é fã dos projetos: "Adoro festa em escola, as crianças ficam motivadas, se envolvem e sempre nos surpreendem".

Os alunos do 1º ciclo do Ensino Fundamental I tiveram muito material para trabalhar com a obra do poetinha. "O relógio", "O Pinguim", "A Casa", "Aquarela" foram músicas exploradas pelos professores desses grupos, que confeccionaram brinquedos, ilustraram poemas, produziram textos e construíram a maquete de uma casa com que todas as crianças sonham.

Bianca Borges, que leciona Língua Portuguesa, coordenou o 7º ano e trabalhou a partir da poesia "A formiga", conta que lançou o tema, mas os alunos atuaram sozinhos e desenvolveram suas próprias ideias: "Praticamente não interfiro, eles têm um grande potencial e podemos explorar mais isso", garante. A docente contou com apoio dos professores de Ciências para abordar o conteúdo sobre insetos. Com a música "O Mosquito", os estudantes puderam fazer campanha contra a dengue. O aluno Bruno exibiu seu mosquito da dengue confeccionado em isopor.



## Muitas facetas em uma mesma pessoa

Com a frase "Eu sou Vinícius de Moraes, diplomata, compositor, cronista, boêmio e, sobretudo, poeta" o 2º ano do Ensino Médio convidou o visitante a conhecer as etapas da sua trajetória: fase musical de Vinícius, parcerias, vida pessoal e o lado eclético do artista através de uma linha do tempo, até o ano de 2013, em que foi tema da Escola de Samba União da Ilha do Governador.

Estudantes dos três anos do Ensino Médio prestaram uma homenagem ao artista com apresentação de teatro e de bandas. A peça teatral, estrelada por Mayara, que cursa o 2º ano, contou a história do nascimento da canção e do mito "Garota de Ipanema" de forma inusitada. "Fizemos uma pesquisa na Internet e em livros e descobrimos que não existia nenhuma dramatização dessa história, por isso escolhemos essa abordagem para saber como ele criou essa música com João Gilberto", conta a jovem, que viveu a musa e fez com seu grupo uma releitura bem humorada da narrativa. Para fazer um resgate da obra de Vinícius, os adolescentes também apresentaram suas bandas. Além de mostrarem algumas músicas com as notas originais, os alunos fizeram uma versão *Rock and Roll* para canções como "A Casa" e "O Caderno", adaptadas para o violão. A aluna Jessyca, que também atuou na organização das equipes, interpretou a canção "Eu sei que vou te amar", enquanto a dupla Alex e Ana Beatriz anunciava os espetáculos.

Segundo Sandra, a maioria dos estudantes já conhecia alguma música de Vinícius de Moraes, porém desconhecia suas múltiplas facetas e a intensidade da vida pessoal desse artista, fazendo muitas descobertas através da troca de experiências que a feira proporcionou. "Estamos



Conhecer a diversidade da trajetória do poetinha, com "A Rosa de Hiroshima", uma lição de Ciências e reconstrução de vida, e com "A Casa", que serviu de gancho para construção de lindas maquetes



orgulhosos. A mostra foi uma oportunidade de conhecer, juntos, a grandeza desse grande brasileiro”, afirmou Alex.

Uma das atrações que mais encantou a plateia foi o recital de poesias do 3º ano. Muito organizados e compenetrados, os jovens interpretaram algumas poesias mais desconhecidas do grande público. Antes da recitação, os artistas eram anunciados com uma prévia sobre o poema lido. Para Tatianne, que ficou surpresa com seus nove casamentos e a vida boêmia, o poeta era um homem que valorizava o sentimento: “Para ele o amor era mutável, passava de pessoa para pessoa”, filosofou a aluna.

### Curiosidade premiada

O grupo do 9º ano explorou o poema musicado “A Rosa de Hiroshima”. O trabalho foi uma experiência muito interessante para alunos e professores, que fizeram muitas descobertas. Enquanto a música tocava, interpretada por Ney Matogrosso, Marlon falou aos visitantes sobre a vida do escritor, que cursou Direito em Oxford, mas voltou para casa por conta da II Guerra, apresentando a canção dentro de um contexto histórico.

Pelas fotos os estudantes observaram que “A Rosa” do poeta, na verdade, não era uma rosa, e sim uma flor chamada oleandro, segundo a equipe pesquisou em livros e na Internet, muito comum na região afetada pela bomba atômica. A professora de Biologia Ana Claudia Lisboa foi chamada para ajudar nessa questão pela área de Ciências. Altamente tóxica, foi a primeira flor que nasceu após os ataques nucleares e pode causar danos aos tecidos se ingerida: “Provavelmente o autor usou a rosa por ser um símbolo de vida e renascimento. A lição que levei é que sempre é possível se reconstruir mesmo em meio ao caos, como aconteceu com Hiroshima. Quem disse que Biologia não tem nada a ver com Língua Portuguesa? Vou levar poesia para minhas aulas. Escolhi a obra “A Arca de Noé” para falar sobre um conteúdo que aborda fatores bióticos e abióticos. As crianças me chamaram para ajudar na pesquisa mas eu acabei aprendendo muito mais”, conclui Ana Claudia.

Colégio Externato Hilmar  
Rua Dr. Nilo Peçanha, 1.031 –  
Nova Cidade – São Gonçalo/RJ  
CEP: 24445-300  
Tel.: (21) 2701-6454  
E-mail: hilmar1031@live.com  
Direção: Rejanne Marraschi  
Fotos: Marcelo Ávila



# Aconteceu na França, respingou no Brasil

Do outro lado do oceano, a Revolução Francesa. Deste, a Conjuração Baiana. A distância é grande, mas os dois fatos tiveram muito em comum

Anna Rachel Ferreira  
novaescola@fvc.org.br

O dia é 12 de agosto de 1798. Panfletos com ameaças à Coroa Portuguesa estão afixados em muros de Salvador e convocam a população a uma revolução, à instauração da República Baiana, na qual “todos serão iguais, não haverá diferença, só haverá liberdade, igualdade e fraternidade”. Os revoltosos se reúnem para arquitetar uma luta armada, mas o governo português interrompe o encontro. Os participantes fogem, mas nos dias seguintes 41 deles são presos. As investigações policiais levam um ano e têm como resultado o enforcamento e o esquartejamento em praça pública de quatro líderes.

O fato – conhecido como Conjuração Baiana, Revolta dos Búzios, Revolução dos Alfaiates e Inconfidência Baiana – não pode ser estudado apenas como mais uma revolta do período colonial, como por exemplo a Inconfidência Mineira. Isso porque faz parte do estudo de História saber que fatos estão interligados. Quando o foco é a Conjuração, portanto, é essencial levar em conta seu contexto. A Revolução Francesa, por exemplo, teve grande influência no conflito baiano (leia o que diz uma recente pesquisa sobre o tema no quadro da página 50).

Pensando nisso, o professor Manoel Cantalejo, da Escola Municipal Ministro Alcides Carneiro, na capital fluminense, fez seu planejamento para trabalhar com a garotada do 8º ano. Ele já tinha dedicado aulas expositivas à Revolução Francesa e proposto a leitura da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que fez parte da primeira constituição do governo revolucionário. Os alunos sublinharam

o texto destacando as reivindicações da população e escreveram no caderno as conclusões das discussões feitas, formando seu material de consulta.

Os registros foram retomados quando o educador ensinou a Conjuração Baiana. Primeiro ele explicou quando e onde o conflito havia ocorrido e lembrou a importância da participação do povo, que lutava pela criação de uma república, pela abolição da escravatura, pelo aumento de salário e pelo livre comércio. “Queria que os alunos entendessem como as pessoas se sentiam. Eles diziam: ‘Se fosse eu, faria uma revolução!’. Expliquei que foi isso o que ocorreu. Não uma luta com armas, mas de ideias”.

Para guiar suas apresentações orais, o professor organizou *slides* com dados sobre o que influenciou a revolta, destacando o levante francês e o iluminismo. Em seguida, pediu que lessem trechos de livros dos historiadores Boris Fausto (História Concisa do Brasil, 328 págs., Ed. Edusp, tel. 11/3091-4008, 45 reais) e Claudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo (História do Brasil, 544 págs., Ed. Scipione, tel. 11/4003-3061, 118,90 reais) e discutiram sobre eles. Por fim, todos receberam o Manifesto da Conjuração Baiana, escrito para conchamar o povo à revolução. Os alunos grifaram frases com insatisfações e pedidos do povo e compararam com a declaração francesa, usando para isso os registros do caderno (leia mais adiante frases dos dois documentos e comentários).





Louis-Julien Jacottet. Hospice da N. S. da Piuade a Bahia (1835). Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Praça do Hospício, local de grande movimentação, onde foram enforcados e esquartejados os líderes da Conjuração Baiana

## Declaração francesa x Manifesto baiano

Leia os trechos dos documentos elaborados durante as revoltas e que foram comparados pelos alunos do professor Manoel Cantalejo

### *Revolução Francesa*

*"... a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos do homem são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção..."*

*"Esses direitos são a liberdade, à propriedade, a segurança e a resistência à opressão".*

### *Conjuração Baiana\**

*"...nos muitos e repetidos latrocínios feitos com os títulos de imposturas, tributos e direitos que são celebrados..."*

*"...inutilidade da escravidão do mesmo povo tão sagrado e digno de ser livre, com respeito à liberdade e à igualdade.*

### **SEM CORRUPÇÃO**

Os problemas sociais existem por causa da corrupção e do não-cumprimento dos direitos

### **ABAIXO A OPRESSÃO**

A liberdade é vista como uma forma de escapar da opressão dos governantes, como a escravidão

\*Trechos extraídos do livro *Presença Francesa no Movimento Democrático Baiano*, Kátia de Queirós Mattoso, Ed. Itapua (edição esgotada).

## Quase perfeito

### Um acordo teria mudado a Conjuração Baiana

Os laços entre os movimentos ocorridos na Bahia e na França poderiam ter sido ainda mais estreitos. Em sua dissertação de mestrado, a historiadora Patrícia Valim afirma que houve uma tentativa de acordo intermediada pelo capitão Antoine-René Larcher (1740-1808). Em

1797, os articuladores da revolta baiana propuseram a Larcher uma troca de favores com a França: o país europeu se beneficiaria com o comércio brasileiro e, de outro lado, a Bahia receberia homens e armamentos para a luta contra os portugueses. A proposta chegou ao

governo francês, mas foi recusada. "Os baianos pensaram estrategicamente. Na época, Inglaterra e França eram as grandes potências mundiais. Já que Portugal era parceiro da Inglaterra, restava ao Brasil buscar apoio da França para lutar contra o colonizador", explica Patrícia.

O professor notou que, quanto mais compreendiam o conteúdo e se aprofundavam nas leituras, mais dúvidas tinham, como estas: "Como os homens pobres conheceram essas ideias?" e "Todos frequentavam a escola naquela época?".

A leitura e a análise de documentos históricos propiciaram aos estudantes conhecer o discurso da época e ter contato com fontes primárias de informação. Outra possibilidade seria mostrar que as ideias difundidas na Revolução Francesa influenciaram também a Independência do Brasil, mesmo ela tendo ocorrido mais de 20 anos depois, apenas em 1822.

Depois das discussões, análises e comparação de textos e aulas expositivas, Cantalejo propôs que os alunos respondessem às seguintes perguntas: "Quais fatores motivaram a Conjuração Baiana?" e "Quais as influências da Revolução Francesa no movimento?". "Minha intenção era que eles pudessem tirar dúvidas, discutir com os colegas e consultar

o caderno, o livro didático e os textos complementares. Com essa atividade, eu pude perceber os pontos que ainda não estavam bem compreendidos e retomá-los em seguida".

Aléxia Pádua Franco, docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pesquisadora de práticas de ensino em História, lembra que o importante é garantir aos jovens a compreensão de que qualquer transformação, no passado ou no presente, não ocorre de forma repentina. "Eles devem entender que isso se dá por meio de um combinado de ações de homens e mulheres em diferentes épocas e espaços sociais".

#### Mais em [novaescola.org.br/extras257](http://novaescola.org.br/extras257)

- Reportagem "Como surgiu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão?".

Extraído da revista Nova Escola, nº 257, novembro de 2012.

## Revolução Francesa

*Os representantes do povo francês...*

*"Todos os cidadãos são iguais a seus olhos, são igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade, e sem outra distinção que não seja a das suas virtudes e dos seus talentos."*

## Conjuração Baiana

*O poderoso e Magnífico Povo Bahinense*

*"Quer o Povo que todos os membros militares de Linha, milícias e ordenanças; homens brancos, pardos e pretos, concorrerão para a Liberdade Popular; manda o Povo que cada hum soldado perceba de soldo dois tostões cada dia, além das suas vantagens..."*

#### NÃO AO MONARCA

Os documentos que começam com essas frases mostram mais crença nas pessoas do que nos monarcas e orientam o povo a não se curvar ao rei

#### BONS SALÁRIOS

Os textos defendem que todos – inclusive soldados e negros – podem ocupar cargos e merecem receber salários apropriados ao seu exercício

PLANO DE AULA

A Revolução Francesa e a Nossa Independência: [novaescola.org.br/extras257](http://novaescola.org.br/extras257)

# Agenda do Professor



Appai

Tel.: (21) 3983-3200 – Portal: [www.appai.org.br/ciclo/form.asp](http://www.appai.org.br/ciclo/form.asp)

Inscrição – e-mail: [treinamento@appai.org.br](mailto:treinamento@appai.org.br)

Junho



## Neurociências e Práticas Educacionais - Neuroeducação: uma Incógnita?

Data: 12/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - quarta-feira

Objetivo: apresentar aos profissionais de Educação as possibilidades da metodologia da Neuroeducação.

## Ressignificando a Alfabetização

Data: 20/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - quinta-feira

Objetivo: repensar o conceito de alfabetização através da apresentação de métodos pedagógicos que contribuam efetivamente com a proposta de letramento.



## Comportamento Bullying e Transtornos de Conduta

Data: 22/06/2013

Horário: 8h30 às 13h - sábado

Objetivo: proporcionar acesso ao conhecimento das formas de identificação dos principais problemas relacionados ao Bullying e aos transtornos de conduta.



## Contar Histórias: Entretecer os Fios da Memória

Data: 13/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 quinta-feira

Objetivo: identificar a importância da narrativa para a formação do sujeito nos aspectos social, afetivo, artístico e cognitivo.



## EJA - Releituras Sobre Práticas Alfabetizadoras

Data: 28/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - sexta-feira

Objetivo: refletir sobre as funções da alfabetização para a construção de uma consciência cidadã.



## O Tangram nas Aulas de Matemática

Data: 15/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - sábado

Objetivo: explorar diferentes formas de utilizar o tangram tradicional e suas variações.



## A Trajetória de Paulo Freire: da Pedagogia do Oprimido à Pedagogia da Esperança

Data: 29/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 - sábado

Objetivo: revisar a obra de Paulo Freire e mostrar como ela é dinâmica e atual.



Agosto



## Território Creche: que Espaço é Esse?

Data: 19/06/2013

Horário: 8h30 às 12h30 quarta-feira

Objetivo: apresentar como o território creche se funda nos dias de hoje.

## Dislexia na Sala de Aula

Objetivo: Ajudar os profissionais de educação a identificar e lidar com alunos que apresentem Dislexia.





Oficinas temáticas e apresentações culturais marcaram o 20 de novembro no Aiacom e no Cefa

▶ No Aiacom, os educadores aproveitaram o dia 20 de novembro para uma dupla celebração: além do aniversário de Zumbi dos Palmares, líder do maior quilombo de que se tem registro no Brasil, comemorou-se os 20 anos da Instituição. Para a festa, foram organizadas 30 oficinas temáticas e diversas apresentações culturais. Em todas elas o negro foi colocado como protagonista, evidenciando-se o artesanato, as brincadeiras, as roupas, a culinária, a música, os ornamentos, a literatura, a dança e diversas outras características da cultura afro-brasileira.

Durante quase dois meses, a comunidade escolar se mobilizou em torno do tema e buscou resgatar nomes de personalidades e todas as outras riquezas da cultura africana. Para o dia da culminância, foi solicitado que as pessoas se cadastrassem para as atividades. Mais de 800 inscrições foram feitas para as oficinas, que variaram desde a confecção de acessórios artesanais, capoeira e máscaras, até dança, música, culinária, penteados, mitologia e panôs africanos. “Nossa ideia era trazer a família para participar do contexto escolar e ao mesmo tempo valorizar e resgatar



# Educadores colocam em prática a Lei nº 10.639

Projetos ressaltam e valorizam a cultura afro-brasileira

Marcela Figueiredo

**A**lém de estabelecer o 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra, a Lei nº 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. De acordo com a Lei, deve ser ressaltada em sala de aula, por exemplo, a contribuição da cultura africana para a constituição da sociedade brasileira. Dessa forma, a música, a culinária, a dança e as religiões de origem afro devem ser consideradas no processo de ensino/aprendizagem em todas as escolas localizadas em território nacional.

Desde a criação da Lei – e em algumas escolas até antes dela –, diversos educadores têm se preocupado em abordar as questões relacionadas à cultura negra não apenas nas aulas de História, mas também nos projetos didático-pedagógicos relacionados ao tema transversal Pluralidade Cultural. Trabalhos desenvolvidos nos moldes da lei em questão procuram retratar o negro para além da escravidão e das situações de subalternidade.

Como forma de comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra e propor uma reflexão sobre a importância da data, o Colégio Aiacom, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, e o Colégio Estadual Frederico Azevedo, de São Gonçalo, desenvolveram atividades que ressaltam o valor do negro na sociedade.



a estética afro”, esclarece Cleidy Nicodemos, diretora da escola. “A promoção da igualdade racial é responsabilidade de todo cidadão, mas principalmente de quem atua na Educação. Nós queremos fazer valer a Lei nº 10.639, por isso é importante trazer os familiares para participar das atividades”, completa a diretora.

Estudantes de todos os segmentos e faixas etárias colaboraram com o projeto no Colégio Aiacom. Os pequeninos da Educação Infantil, por exemplo, participaram de um desfile em que o objetivo foi mostrar as estampas,

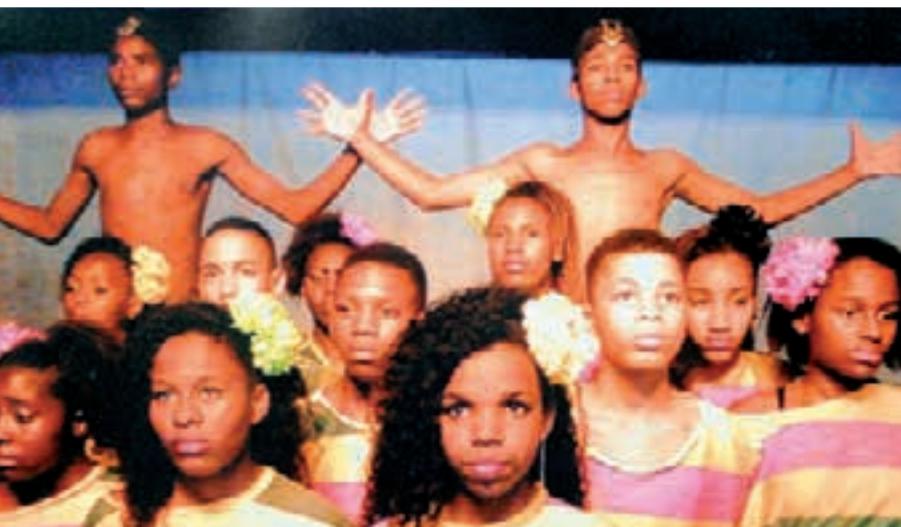
as cores, os tecidos e os penteados característicos dos negros africanos. Momentos antes, os alunos da Educação de Jovens e Adultos brincavam em um jogo educativo que revelava as verdades e os mitos relacionados ao continente. “Com a atividade, procurei fazer com que todos percebessem as diferenças existentes no país. As pessoas costumam pensar que na África só tem negro e que é tudo igual. O objetivo foi utilizar o lúdico para desmistificar algumas ideias”, revela Geisa Carvalho, professora de Geografia.

## Consciência e autogestão

O Colégio Estadual Frederico Azevedo reservou três dias do mês de novembro para promover ações em que o negro é colocado em evidência. A I Semana da Consciência Negra do Cefa teve como objetivo atender as demandas da Lei nº 10.639/2003, inserida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e ainda sensibilizar a comunidade escolar para a situação de exclusão social e étnica vivida pelos negros no Brasil.

Para o desenvolvimento do projeto, os educadores optaram por adotar o conceito de autogestão, e os próprios alunos ficaram responsáveis pelo funcionamento das atividades que envolveram os educandos dos ensinos Fundamental e Médio. “Nós dividimos os estudantes em quatro equipes que seriam as responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso do evento. Dessa forma, conseguimos fazer com que eles também se sentissem comprometidos com o projeto”, conta Bruno Guimarães, um dos idealizadores da I Semana da Consciência Negra do Cefa.

Dezenas de oficinas foram realizadas e em todas elas a influência da cultura africana na sociedade brasileira foi colocada em destaque, como no “Chá Literário com Poetas Negros” e na esquete de “Navio



Negreiro”, inspirada no poema de Castro Alves. Ao final de cada dia aconteceram apresentações de culminância com samba de roda, baile charme, *street dance* e capoeira.

“Trabalhar com o conceito de autogestão em um projeto que busca colocar em foco as características da cultura do povo negro foi o mesmo que vivenciar tudo que eu havia lido nos textos. Eu dou aulas para negros e sofro as questões raciais todos os dias. Proporcionar aos alunos uma experiência como essa foi quase que resgatar uma história nossa, mas que nós não conhecemos e por isso não valorizamos”, relata Bruno Guimarães.

Armazém de Ideias de Ações Comunitárias – Aiacom  
Rua Barão do Bom Retiro, 941 – Engenho Novo – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 20715-002  
Tel.: (21) 3591-9918  
E-mail: aiacom.org.br  
Direção: Cleidy Nicodemos

Colégio Estadual Frederico Azevedo  
Rua Raul Mesquita, s/nº – Itaúna – São Gonçalo/RJ  
CEP: 24474-120  
Tel.: (21) 3119-5785  
Direção: Luiz Carlos Caldeira Delgado



Alunos e visitantes participam de oficina de penteados africanos



Estudantes em atividade com argila durante culminância de projeto sobre cultura africana



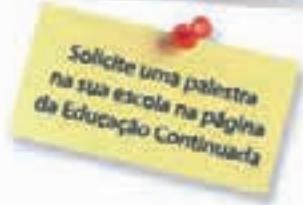
**BENEFÍCIO DE  
EDUCAÇÃO CONTINUADA**  
CICLO DE PALESTRAS E OFICINAS

O Benefício oferece palestras e oficinas, com temas inerentes à área educacional, direcionadas aos associados.

Educação e Tecnologia  
 Metodologias e Práticas de Ensino  
 Planejamento e Gestão Escolar  
 Educação Especial  
 Sistemas de Avaliação  
 Educação Ambiental  
 Dificuldades de Aprendizagem  
 Teorias de Educação  
 Temas Transversais na Educação (Transtornos Comportamentais, Síndrome de Burnout, Sexualidade, Violência, Saúde Vocal)  
 Linguagem Oral e Escrita  
 Dificuldades de Aprendizagem  
 Neurociência e Educação (Neuroeducação)  
 Educação e Tecnologia  
 Educação Ambiental  
 Teorias de Educação



Inscrições:  
[appai.org.br](http://appai.org.br)





# Artes e tecnologia na pré-escola

Claudia Sanches



Resgate da formação do povo brasileiro: crianças recriam peça sobre descoberta do Brasil a partir da pintura "A Primeira Missa"

“

A

linguagem visual domina o mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola de preparar os alunos para essas imagens”. A frase, da educadora Ana Mãe Barbosa, leva os educadores a refletir sobre a importância da diversidade de linguagens dentro de sala. Projetos como o *Miscigenou*, desenvolvido na Escola Municipal Rachel de Queiroz, unidade do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDIs), com crianças na faixa de cinco anos, são a prova de que novas práticas estão surgindo.

Segundo o professor de Artes Visuais Jorge Noronha, a iniciativa partiu do Projeto político-pedagógico com o tema “As Cores da Vida”, gancho para falar sobre a formação do povo brasileiro. Baseado na teoria da educadora, de que “o fazer é muito importante para despertar a capacidade perceptiva para as nuances da produção artística”, o professor de Artes se propôs a construir com os alunos o processo histórico da nossa formação, através de uma diversidade de linguagens. “Adotamos a perspectiva de Ana Mãe Barbosa, fazendo com que as crianças pudessem vivenciar o processo por meio da contextualização e do fazer artístico. A proposta era oportunizar o contato com a arte e desenvolver a capacidade de entender, de forma lúdica e menos preconceituosa possível, as diferentes raças que construíram o nosso povo”, explica.

A expectativa era de que os alunos compreendessem a lógica dos fatos narrados e que esses conceitos pudessem ser desenvolvidos na educação infantil. Para isso as ações foram divididas em três momentos que envolveram conteúdos de História, Geografia e Língua Portuguesa. As atividades duraram em torno de seis meses, e os professores utilizaram algumas estratégias para abordar o tema. A partir da apresentação



Releituras dos clássicos e produções artísticas em cima da história do Brasil. Na Educação Infantil isso é um instrumento poderoso para aprendizagem e compreensão do mundo

de mapas em *data show*, foi apontada a existência das tribos indígenas em terras brasileiras, além de contemporaneidade e danças. Depois falou-se sobre a descoberta do Brasil pelos portugueses, proporcionando contato com suas músicas e danças a partir de documentários. Para fixar as informações, as crianças dramatizaram um texto sobre o descobrimento. Para falar sobre o negro, os professores contaram como foi sua chegada ao país e mostraram o vídeo “Viagem Pitoresca”, finalizando as atividades com o quadro “Primeira Missa”, de Vítor Meireles. A partir do não reconhecimento da figura do negro na obra do artista, as turmas recriaram uma representação cênica e uma releitura em desenhos de forma tridimensional, em que esse segmento foi incluído. A fixação da aprendizagem se deu através da reprodução dos sons africanos, dos movimentos corporais característicos das danças do continente.

Para a conclusão do trabalho, as crianças dramatizaram, através de uma coreografia, a história da nossa miscigenação, através da “Mostra de Dança”, um programa da Secretaria de Educação, ao som das músicas de João Bosco, canções indígenas e africanas, o clássico Ave Maria e a canção “Brasil

ano 2000”, com as Crianças Guarani, representando a diversidade do Brasil. Com o projeto, o professor Jorge foi finalista do XIII Prêmio de Arte na Escola e a instituição recebeu o certificado de Escola Cidadã do Instituto Arte na Escola.

Segundo a diretora Maria da Graça Vaz, o projeto confirmou a importância do ensino de Artes desde cedo na escola. As estratégias e recursos visuais também favoreceram a aplicação dos conteúdos, na opinião do docente: “Muitos educadores questionam se crianças ‘entendem de arte’, se vale a pena levar a disciplina para a pré-escola. Mas a ciência vive de perguntas e não de respostas. Acreditamos na prática do ensino de artes desde a infância como um facilitador da compreensão do mundo. E os resultados positivos obtidos pelos objetivos propostos são a prova de que não só a arte, mas também as tecnologias, são grandes aliadas da educação”.

Escola Municipal Rachel de Queiroz  
Av. Presidente Vargas, s/nº – Centro – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 20210-030  
Tel.: (21) 2224-7450  
E-mail: edirqueiroz@rioeduca.net  
Direção: Maria da Graça Ferreira Vaz  
Fotos cedidas pela escola



# Tesouro da humanidade

Relatório das Nações Unidas inspira criação de projeto sobre preservação da água no planeta

Marcela Figueiredo

O ano de 2013 é considerado pela Unesco como o Ano Internacional de Cooperação pela Água. O projeto interdisciplinar *Água, o tesouro maior da humanidade*, desenvolvido pelo corpo docente do Colégio Cenecista Orlando Rangel (CCOR), foi inspirado no relatório das Nações Unidas, que alerta para a diminuição da capacidade de fornecimento de água doce em muitas regiões em decorrência das mudanças climáticas.

O objetivo do projeto foi proporcionar aos alunos o trabalho de conscientização da população em relação à cultura

de preservação da água, mostrando suas múltiplas formas de uso, seus ciclos, assim como sua importância para a vida e para a história dos povos.

O projeto foi desenvolvido ao longo de dois meses e, durante esse período, os professores buscaram despertar nos alunos o interesse pela pesquisa e a mudança de atitude com relação à preservação da água no planeta Terra.

As atividades foram organizadas de acordo com a disciplina e o ano de aprendizado dos alunos. Divididos em grupos, os estudantes foram orientados a apresentar sua





pesquisa em maquetes, cartazes, experimentos e peças de teatro. O conteúdo dos trabalhos girava em torno de temas como a relação entre economia de água e preservação do meio ambiente, a importância dos rios na produção de energia elétrica, os impactos socioambientais das usinas e a riqueza cultural das populações que margeiam o rio São Francisco.

“Estamos felizes em desenvolver esse projeto, pois temos a certeza de que fizemos o nosso papel e que contribuímos a favor do Meio Ambiente”, declara Ana Cristina, diretora da escola. Segundo ela, a Rede Cenecista, durante todo o ano, capacita seus gestores de forma a motivá-los a desenvolver ações e projetos que venham estimular a potencialidade pedagógica dos coordenadores e a participação de todos os alunos no processo pedagógico.

A culminância do projeto aconteceu em praça pública, o que possibilitou a presença de um maior número de pessoas, inclusive de alunos de uma unidade educacional vizinha ao CCOR. “Chegamos ao final desse trabalho com a sensação do aprendizado pedagógico, maior conhecimento por parte dos alunos e conscientização da população”, revela Ana Cristina.



Colégio Cenecista Orlando Rangel  
Pça. Estefânia de Carvalho, 04 – Zé Garoto –  
São Gonçalo/RJ  
CEP: 24440-195  
Tel.: (21) 2605-8072  
E-mail: contato@rccrj.org.br  
Diretora: Ana Cristina  
Fotos: Marcelo Ávila

Estudantes do Colégio Cenecista Orlando Rangel expõem em praça pública trabalho sobre preservação da água

# Atenção!

Ao acessar o sítio da Appai fique sempre atento as alterações de layout, bem como as novas possibilidades e acessos. É importante também que esteja sempre com sua matrícula e senha para acessar o Portal do Associado, além de manter atualizado seu e-mail para o envio de informações e avisos.



## Aviso importante

Lembramos que o benefício médico da APPAI é coletivo e exclusivamente na segmentação ambulatorial, não disponibilizando cobertura hospitalar e/ou internação. Logo, orientamos que não se procure as unidades médicas para esse fim, já que elas só podem realizar pela Associação o atendimento ambulatorial. Qualquer tentativa nesse sentido prejudicará bastante a relação da Appai com os profissionais colaboradores (hospitais e/ou centros clínicos), havendo o risco de que se desfaça a parceria, sem que a Associação possa evitar, num prejuízo para todo o quadro associativo.

Assim, os associados que não disponham de plano hospitalar, através da parceria opcional da Associação ou de outro particular, deverão procurar diretamente o sistema público de saúde para os atendimentos hospitalares e/ou de internação, evitando, desta forma, que as unidades médicas cobrem pelos serviços que lhes foram prestados, bem como evitando o risco de que o ambiente de atendimento procurado não seja o adequado para o atendimento hospitalar ou internação.



# Praticando cidadania e fazendo a diferença

Claudia Sanches

Uma experiência do passado se tornou um projeto de ensino da Constituição Federal em sala de aula. Tudo começou em 1995, quando o professor Marcelo Teixeira estudava Direito Constitucional com amigos para prestar um concurso público. O então estudante se deparou com uma lacuna entre a lei e a prática. Apesar de não ter sido aprovado no concurso para Técnico do Tesouro Nacional, tornou-se professor de História e há quatro anos desenvolve o projeto *Violências que não dão audiência*, com suas turmas do 2º ano do Ensino Médio.

“Tivemos nosso primeiro contato com a Lei Maior, ficamos impactados com o direito adquirido, angustiados e revoltados, com vontade de fazer valer o que estava escrito. Tornei-me professor e observei que nosso alunado não conhecia a Constituição, nem a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e decidimos introduzir o estudo de Legislação nas turmas com apoio da direção do colégio”, explica.

Segundo Marcelo, o objetivo maior foi fazer com que o corpo discente e a população entendessem que são capazes de transformar a sua realidade através da informação e da

atitude, de modo que era preciso orientar o jovem para que ele assumisse o protagonismo de sua vida. O trabalho procurou despertar a consciência crítica e revisitou o conceito de violência, mostrando que o Estado é violento quando não cumpre as leis que são criadas.

Subdividido em quatro eixos temáticos, sorteados pela turma, o projeto apresentou tópicos como Inconstitucionalidades de um Brasil constitucional; Meio ambiente agredido; Descaso com a Saúde Pública e a Educação. Após estudarem a legislação referente às temáticas, devidamente orientados, os grupos saíram em campo com trabalho de entrevistas à comunidade, filmagem e fotografia. Os alunos produziram material em *Power Point* para apresentar à comunidade durante as culminâncias, através de seminários. Marcelo destaca o fato de o cidadão brasileiro não possuir uma cultura de reivindicação por falta de conhecimento da lei. A proposta foi provocar os jovens, pois eles percebem como o Estado é omissivo: “Quando saem em campo eles observam o contraste entre o que está previsto e o que é oferecido, como, por exemplo, escolas da rede de excelência em detrimento da escola que eles têm, com falta de professores e recursos, e os hospitais públicos caindo aos pedaços, além do meio ambiente degradado pela própria população”.

Através das culminâncias a equipe pedagógica observa que os objetivos vão sendo alcançados. Após esses anos





*...observei que nosso  
alunado não conhecia a  
Constituição, nem a própria Lei de  
Diretrizes e Bases da Educação (LDB)  
e decidimos introduzir o estudo de  
Legislação nas turmas com apoio da  
direção do colégio*

o trabalho de conscientização vem crescendo, e as turmas já colhem os frutos. “Estamos pensando num mecanismo que nos permita estar sempre em contato com a comunidade para dar continuidade aos seminários e debates. Os alunos percebem que existem escolas, como a Faetec e a Nave, que oferecem educação de qualidade, enquanto a maioria não tem acesso a esse direito. Eles sentem na pele o descaso do poder público. O corpo docente se surpreende com a realização dos seminários”, conta. As turmas citaram o poder popular quando o povo foi às ruas para o *impeachment* de Collor ou quando organizam abaixo-assinados, além do poder de voz que os *blogs* estão dando à população.

O Brasil precisa aprender a fiscalizar o poder previsto no artigo 1º da Constituição Federal de 1988. Para os jovens a maior vantagem está em fazer a diferença, que significa não só apontar os problemas, mas também apresentar soluções. A ex-aluna Ariene Nogueira, estudante de jornalismo, resolveu continuar seus estudos graças às aulas de História, que despertaram nela o desejo de um projeto pessoal. A jovem levou a mãe para agradecer ao docente pelo trabalho de conscientização em sala de aula, e além dela outros alunos retornaram, informando que começaram a cursar História. Além desses retornos o professor mantém contato com os estudantes pelo *Facebook*, desenvolvendo o tema através do projeto *Rachaduras Sociais*: “Estabelecemos uma diferença quando nos apossamos desse poder, botamos a mão na massa e fazemos a nossa parte”, conclui Marcelo. Quem quiser conhecer mais sobre essa iniciativa pode acessar a página na Internet: [www.rachadurassociais.com](http://www.rachadurassociais.com).

Colégio Estadual Professor Ubiratan Reis Barbosa  
Estrada Doutor Manoel Reis, 1.598 – Centro – Nilópolis/RJ  
CEP: 26515-405  
Tel.: (21) 3761-0575  
E-mail: [ceubiratanreisbarbosa.ue@gmail.com](mailto:ceubiratanreisbarbosa.ue@gmail.com)  
Fotos cedidas pela escola

Junto com seus alunos e o corpo docente da escola, o professor Marcelo mostra que não basta somente apontar os problemas mas, sobretudo, saber fiscalizar para, de maneira eficiente, apontar as soluções

# Professores

Estes são os benefícios para o associado da Appai



**Revista Appai Educar**  
Veículo de Apoio ao Profissional de Educação



**Benefício Seguro para a Cobertura de Algumas Doenças Graves**



**Benefício Serviço Social**



**Benefício Educação Continuada**  
Ciclo de Palestras e Oficinas



**Benefício Assistência Flex Domiciliar**



**Benefício Médico Ambulatorial Básico**  
Sem Internação  
Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades



**Benefício Dança de Salão**  
Atividade física visando a qualidade de vida



**Benefício Seguro de Vida em Grupo e de Acidente Pessoal Coletivo**



**Assistência Funeral**



**Benefício Coletivo Odontológico Ambulatorial Básico**

Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades



**Benefício Caminhadas e Corridas**

Qualidade de vida, hábito saudável, atividade física



**Benefício Jurídico**

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

## ◆ Plano Hospitalar Coletivo

## ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

\* ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

\* A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.



Associação Benfícete dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro

Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro Rio de Janeiro/RJ – CEP: 20031-911



(21) 3983-3200



appai.org.br



faleconosco@appai.org.br

Siga-nos nas mídias sociais:



ANS - N° 38254-0